UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VERGINIA LUCCHETTA DI NALLO

Atuações docentes em romances brasileiros: uma análise à luz das transformações históricas.

Orientador: Profª Drª Silvina Rosa

Maringá, fevereiro 2004.

VERGINIA LUCCHETTA DI NALLO

Atuações docentes em romances brasileiros: uma análise à luz das transformações históricas.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da educação da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profª Drª Silvina Rosa.

MARINGÁ

FEVEREIRO/2004

Aos meus pais, Marcello e Pia, que compreenderam minha ausência;

Ao Luiz André e Marcos, meus filhos, razão de minha luta;

Ao Gino, companheiro e força de mais essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, envolveram-se na concretização deste trabalho.

À Naly e ao Sr. Darci que me acolheram ao longo do curso;

À Graziela que compreendeu os momentos de angústia;

À Floriana que incentivou a minha caminhada;

À professora Lizia e ao professor Lupércio por me fazerem acreditar que crescer é vencer as dificuldades;

À Franca que contribuiu com seus conhecimentos em informática;

Em especial, à Silvina, minha orientadora, que em nenhum momento deixou de estar presente.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professora Doutora Lizia Helena Nagel

_____

Professor Doutor Lupércio Antônio Pereira

_____

Professora Doutora Silvina Rosa
(Orientadora)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO..... 1

1. MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS: O MESTRE-ESCOLA E A INEXISTÊNCIA DE SISTEMA ESCOLAR.....12
2. CLARISSA : A FORMAÇÃO DA NORMALISTA 39
3. MULHERES COMO PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO.....66

3.1 MÚSICA AO LONGE: AS ANGÚSTIAS DE CLARISSA 66

3.2 SÃO BERNARDO: O ENGAJAMENTO DE MADALENA.....98

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....122

RESUMO

Centrando-nos em dois momentos da história brasileira, o objetivo deste trabalho é refletir sobre situações docentes e o gradativo afastamento do homem da profissão de professor, principalmente nas séries iniciais do ensino. Partimos do pressuposto de que as instituições educacionais e o perfil dos educadores não têm existência autônoma, mas originam-se das práticas sociais inerentes ao processo de transformação da produção. As fontes principais da análise são quatro romances da literatura brasileira, cujas personagens são professores e professoras. Em *Memórias de um sargento de milícias* (1984), Manuel Antônio de Almeida representa a primeira metade do século XIX, mais precisamente a época de D. João VI e D. Pedro I, na qual era o mestre-escola quem realizava a instrução de alguns meninos. Nas primeiras décadas do século XX, professora e professor dividiam-se na tarefa de ensinar meninos e meninas. Desse período analisamos a atuação de personagens criadas por Érico Veríssimo em *Clarissa* (1974) e *Música ao longe* (1982) e por Graciliano Ramos em *São Bernardo* (1986). Abordando esses romances como fontes que representam a luta dos indivíduos no processo de transformação social, propomo-nos a analisar as condições em que estes, atendendo às necessidades de suas épocas, atuaram enquanto profissionais da educação.

ABSTRACT

The aim of this work is to consider the progressive leave of the man from the teaching job, mainly in the early school grades. We presume that the schools and the profile of the teachers have no independent existence, but they come from social usage adopted in the process of the transformation of social ways of production. The analysis of the change happened in the professional teaching area is made through four novels of the Brazilian Literature who have as characters male and female teachers. The research focuses two historical moments. The first half of the XIX century, a period between D. João VI and D. Pedro I, when the schoolmaster taught some boys. This is the time portrayed by Manuel Antônio de Almeida in Memórias de um sargento de milícias (1984). The second moment is the first decades of the XX century, when the male and the female teacher shared the teaching of boys and girls. As representative characters of this time we have the normal school student of Clarissa (1974) who becomes a teacher in Música ao longe (1982), Érico Veríssimo novels and the teacher Madalena portrayed by Graciliano Ramos in São Bernardo (1986). Approaching these novels as sources that represent the struggle of people in the process of social transformation, we intend to analyze the conditions in which these people acted while teaching professionals, according to the needs of their time.

INTRODUÇÃO

Assim como um misto de curiosidade, alegria e apreensão invade-nos quando realizamos uma viagem, o ato da leitura suscita em nós emoções semelhantes. Imbuídos destas emoções vamos construindo o caminho deste trabalho.

A tentativa de compreender as situações enfrentadas pelos docentes ao longo do tempo, em particular o afastamento do homem da profissão de professor, principalmente no ensino das séries iniciais, enquanto a mulher a ela se agarra, leva-nos ao fazer social. Este caminho é instigante e ganha sentido à medida que, pesquisando o fazer social do passado, referenciamos nosso agir no presente.

Por que optamos pelo enfoque sobre estes profissionais?

Porque em nosso país, por mais de dois séculos, em função das circunstâncias sociais daqueles tempos, o ensino foi conduzido por homens que, apesar de não serem muitos deles professores na concepção que hoje temos dessa profissão, realizavam a instrução dos meninos das famílias abastadas. Á medida que o homem abandona, também por circunstâncias sociais, este campo de trabalho, a mulher passa a assumi-lo cada vez mais.

Relacionar os limites e possibilidades do fazer docente às transformações históricas e entender por que os homens afastaram-se desta profissão e, mesmo

atualmente, num momento de escassez de emprego, a escola não se apresenta como um espaço preferencial de trabalho para eles foram objetivos desta pesquisa.

Há estudos, como, por exemplo, os de Cynthia Pereira de Sousa e Marta Sueli de Faria Sforni, que abordam a feminização do ensino e a tendência cada vez maior do afastamento do homem-professor das salas de aula, como resultado da visão positivista de que a mulher seria melhor capacitada para o exercício dessa profissão. Outros, como Paschoal Lemme, apontam o preconceito e o baixo salário como as principais causas da sua não permanência em sala de aula.

Estas análises compõem o quadro de respostas, para o qual pretendemos contribuir. Entendemos que o processo de substituições de agentes profissionais no campo da educação brasileira faz parte de um todo complexo de conflitos e de transformações econômicas a partir do século XIX, o qual suscita novas formas de produzir a vida material por parte dos homens. Sustentando o desenvolvimento de relações capitalistas no Brasil, essas transformações moldam tanto as tendências educacionais como o gênero dos profissionais a elas correspondentes.

A construção de referenciais nessa nova ordem econômica é produto da sociedade, a qual, no embate entre o velho e o novo, transforma ou substitui antigos valores e caracteriza os homens como pertencentes a esse determinado tempo histórico.

Para compreender a trajetória que afasta o agente masculino da profissão de professor, enveredamos pela literatura brasileira. Rica e saborosa, por si só, aliada às demais ciências que registram o fazer social dos homens na construção da história, a literatura, assemelhando-se à realidade, amplia suas dimensões, intensifica sua profundidade e atinge a característica solene de um registro histórico.

Registro tecido pelas mãos de escritores, enquanto agentes da história, cuja sensibilidade consegue, através de narrador, personagens, espaço, tempo e enredo, não só mostrar, àqueles que o lêem, a ação dos homens num determinado momento da história, mas também captar as emoções, os desejos e as necessidades que mediaram atitudes e comportamentos tanto na sociedade escravocrata, a qual requisitou o trabalho do mestre-escola, como nos primeiros tempos da República e da industrialização, quando professor e professora atuavam na escola.

Muitos romances poderiam ser utilizados para o registro das alterações profissionais no campo da educação. Neste momento, a pesquisa, revestida pelo encanto da leitura, fundamenta-se em quatro romances nos quais o mestre-escola, a normalista, as professoras e o professor estão retratados de tal maneira que nos levam a identificar características suas nos profissionais que hoje se formam ou atuam em sala de aula.

O romance *Memórias de um sargento de milícias* (1984) de Manuel Antônio de Almeida[1] e *Clarissa* (1984) de Érico Veríssimo[2] foram objeto do trabalho monográfico **Boa noite mestre-escola, bom dia professora,** apresentado em 2003 no curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Educação Pública no Brasil, oferecido pela Universidade Estadual de Maringá.

Nela comprovamos que as obras literárias, por retratarem simbolicamente a realidade, representam conflitos individuais dentro de um universo geral, podendo ser utilizadas como fontes importantes na área de História da Educação.

Nesta dissertação, o objetivo geral é aprofundar a identificação e a compreensão da historicidade que permeia o processo de evolução ou involução das profissões, em meio ao qual ocorre a substituição gradativa do homem-professor pela professora. Para refletir sobre a idéia de que a profissão permanece ao longo do tempo, mas mudam os profissionais que nela atuam em termos de gênero e que as causas dessa mudança encontram-se no processo de produção e reprodução

[1] Manuel Antonio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 1831. Em 1848 começou a trabalhar no *Correio Mercantil*, importante jornal carioca no qual publicou entre 1852-1853, em folhetins, *Memórias de um sargento de milícias*, sob o pseudônimo de "Um brasileiro".Formado em Medicina, em 1855, continuou trabalhando como jornalista. Foi Diretor da Imperial Academia de Música e Ópera, administrador da Tipografia Nacional e participou da fundação do Liceu de Artes e Ofícios. Faleceu em 1861 e em 1863, constando seu nome, foram publicados os dois volumes de *Memórias de um sargento de milícias.*

[2] Érico Veríssimo nasceu no Ro Grande do Sul em 1905. Em algumas de suas obras está presente o drama da decadência econômica vivido por sua família. Sua formação, além do curso primário no colégio Venâncio Alves, realizava-se através de aulas particulares com uma professora. Em 1922, a separação dos pais levou-o a exercer várias profissões: ajudante de comércio, bancário, lojista de farmácia, jornalista, tradutor e funcionário da editora Globo. Em 1940 lecionou Literatura Brasileira na Universidade de Berkeley nos EUA e, neste país, em 1950, tornou-se diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos. O período de 1933 a 1973 abrangeu a publicação de seus romances. Embora preocupado com problemas universais, em muitas de suas obras retratou a sociedade do Rio Grande do Sul. Faleceu em 1975.

da sociedade, ampliamos as fontes literárias da análise e recorremos a dois outros romances: *Música ao longe* (1982), de Érico Veríssimo, e *São Bernardo* (1986) de Graciliano Ramos[3].

Memórias de um sargento de milícias retrata a sociedade do Rio de Janeiro desde a época de D. João VI até meados do século XIX, com centros urbanos escassos, os quais movem-se em torno do comércio e da exportação de produtos agrários. Os personagens manifestam as transformações decorrentes da transferência da família real, as mudanças na forma de produção que, lentamente, impõem novas necessidades às quais as pessoas procuram, por todos os meios, adequar-se. À medida que o comércio intensifica-se, começa a fortalecer-se, na sociedade, o setor intermediário entre a burguesia e a camada mais pobre da população, incluindo os escravos. Nesse momento, a instrução que atinge este novo setor torna-se alvo do escritor, o qual representa o mestre-escola, seu local de trabalho e a instrução por ele realizada. Retratado fisicamente como um homem fraco, a força e a importância advêm-lhe do suposto conhecimento e do uso da palmatória, a qual auxilia-o na propagação de uma instrução a serviço da família patriarcal.

[3] Graciliano Ramos nasceu em Alagoas em 1892. Era primogênito de um casal de sertanejos de classe média que teve quinze filhos. Fez os estudos secundários em Maceió. Entre 1928 e 1930 passou a fazer jornalismo e política, exercendo a prefeitura da cidade de Palmeira dos Índios. No período de 30 a 36 dirigiu a Imprensa e a Instrução Pública do Estado de Maceió. Em 1936, foi preso como subversivo; a obra *Memórias do cárcere* é depoimento dessa experiência. Em 1945, ingressou no Partido Comunista Brasileiro. Em 1951, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores. No ano seguinte, viajou para a Rússia e países socialistas. Na obra *Viagem* relata o que viu. Suas obras foram traduzidas para o espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, russo, húngaro, tcheco, polonês, finlandês. Faleceu no Rio de Janeiro em 1953.

Se em *Memórias*, meninos pobres, escravos e meninas não têm acesso à instrução escolar, há toda uma educação informal que, através das festas religiosas, das procissões, tira de casa todas as pessoas e estas, mesclando-se, inteiram-se das novas idéias, do uso de novos artigos, convivem com as pessoas da corte, modificando atitudes e comportamentos de forma a aproxima-las dos padrões europeus.

Esta sociedade, sustentada pelo trabalho escravo, acolhe o mestre-escola e, juntos, preparam o espaço urbano e rural por onde caminharão Clarissa e Madalena. Se sob o uso da palmatória instruíram-se os meninos, agora, a professora, detentora de força e poder, sob o uso da régua realiza a formação normalista de Clarissa, uma formação tão conservadora quanto a educação realizada pela família da adolescente. O professor, quando representado em sala de aula, mostra-se como um ser fraco e inofensivo. Força e poder emergem quando, no cargo de examinador, realiza os exames finais, nesse momento é temido tanto pelas alunas quanto pela própria professora.

Em *Clarissa*, a sociedade sofre os efeitos da crise de 1929 e a personagem Clarissa, morando em Porto Alegre, convive com uma crescente burguesia, com os ruídos da cidade em desenvolvimento e o vozerio dos imigrantes. No campo, o estancieiro, pai de Clarissa, sente a crise da não adaptação ao tempo atual, o tempo das máquinas.

De volta à cidadezinha de Jacarecanga, Clarissa é a professora de *Música ao longe,* que vive o conflito entre a educação que realiza em sala de aula, imposta a ela e às colegas pela diretora, sua própria educação e o processo de decadência vivido pela família. Clarissa consegue vislumbrar certo desconforto entre o que ensina e o que seus alunos deveriam aprender, mas, impotente, não consegue modificar sua prática em sala de aula.

O aceno de mudança vem com a professora Madalena, cuja formação e profissão custaram-lhe muitos sacrifícios. Graciliano Ramos, da mesma forma que Veríssimo, retrata a década de 1930, mas o faz abordando a hostilidade do meio rural nordestino. A luta do protagonista Paulo Honório para tornar-se um capitalista mescla-se às dificuldades do meio e compõem o universo de contradições inerentes ao processo econômico, que a professora tenta mostrar e, através de atos generosos, suavizá-las.

As obras destes autores, à medida que mostram o mestre-escola, as professoras e o professor, a sociedade na qual existem, a educação que recebem e, por sua vez, difundem, revelam a ação das práticas sociais no processo de evolução ou involução da profissão de professor. As transformações econômicas, que criam novos postos de trabalho, os quais, acompanhados por discursos que os legitimam, apresentam-se como possibilidades para a ascensão social e econômica, em mão contrária, induzem o homem a um desinteresse pela profissão de professor.

Assim, ao procurar entender o porquê do quase completo afastamento do homem da profissão de professor, almejamos contribuir para a compreensão dos referenciais que hoje direcionam tanto a educação que é transmitida quanto os profissionais que a executam. Acreditamos que entender os passos do passado ganha significado à medida que proporciona um caminhar mais seguro no presente.

Além disso, se diante desta dissertação, algum leitor abandonar sua leitura, para aventurar-se ao mundo de alguma das obras citadas, esta atitude também será considerada como uma forma de se atingir os objetivos do trabalho.

O fio condutor do estudo são os professores retratados nos romances, seres ficcionais. Através deles identificamos a passagem do cargo de professor - deixado pelo mestre-escola, cuja distinção social não se originava do pagamento que recebia, mas do conhecimento que deveria ter e da imposição da palmatória - para a jovem e ingênua normalista Clarissa, que se transformou em professora posteriormente, na mesma época de Madalena. Ambas não se destacam socialmente nem pelo salário, nem pela profissão, o que lhes confere destaque é, no caso de Clarissa, a luta interior entre obedecer as regras estabelecidas ou transgredi-las, ensinar uma nova maneira de enxergar o mundo e, no caso de Madalena, a tentativa de intervir como agente transformadora do seu meio-social.

Buscamos focalizar a evolução ou involução da profissão e/ou dos profissionais a partir das relações materiais de produção identificadas nos próprios romances,

analisando-as e compreendendo-as à luz dos discursos dos intelectuais das épocas privilegiadas na dissertação ou que sobre elas dedicaram seus estudos.

Inicialmente propomo-nos identificar o contexto histórico do país na primeira metade do século XIX. Com base em informações sobre o contexto mundial, procuramos observar as transformações decorrentes da vinda da família real, as conseqüências das primeiras medidas tomadas por D. João VI, a instrução realizada pelo mestre-escola em salas de aula improvisadas e sob uma rígida disciplina.

No segundo capítulo, sem pretender dar conta de todo o processo que, no campo político-econômico, conduziu à sociedade republicana sob a ordem econômica capitalista e, na literatura, conduziu à consolidação do Modernismo, vamos analisar *Clarissa*, romance que representa o momento em que a jovem protagonista realiza sua formação de normalista, sob a educação conservadora da escola e da família.

No terceiro capítulo, abordamos a consolidação tanto da nova ordem econômica quanto do governo republicano, tomando a Primeira Guerra Mundial e a crise de 1929 como fatores que conduzem as nações a avanços e retrocessos e que, no Brasil, acompanharam a luta pela industrialização. Nesse momento o padrão democrático de comportamentos e atitudes na obtenção de riquezas intensifica-se e conduz á universalização do ensino. Na educação das séries iniciais do ensino, nas salas de aula, a presença da professora já ultrapassa a do homem-professor;

é nesse ambiente que vamos encontrar Clarissa e Madalena. Através de *Música ao longe* e *São Bernardo*, deparamo-nos com duas professoras que revelam, com suas ações e pensamentos, a oposição entre uma visão consciente da realidade das relações capitalistas e uma visão pautada em referenciais conservadores.

As considerações finais constituem uma reflexão sobre as relações entre o surgimento de novas formas de produção e de novos campos de trabalho, com suas contradições. A construção de convicções que acompanham o relacionamento humano na produção de sua vida material, o surgimento de novas oportunidades de trabalho que desviam o homem da profissão de professor e atraem as mulheres, modificam também suas atitudes políticas. Retomando a construção das personagens romanescas é possível pensar sobre os fundamentos de suas atitudes profissionais e políticas.

Para um estudo posterior, fica a instigante descoberta das possibilidades da literatura. Uma questão a ser pensada para o futuro é a contradição entre o autoritarismo do mestre-escola e o comportamento ilícito do seu aluno Leonardo, em *Memórias de um sargento de milícias*; a força e o poder que o personagem João de Deus busca manter, evocando as tradições, tanto em *Clarissa* quanto em *Música ao longe*. Enquanto o patriarca tenta agarrar-se com unhas e dentes aos poucos sustentáculos que ainda acredita possuir, o imigrante italiano cresce economicamente e apodera-se de todos os seus bens. Em *São Bernardo*, a agressividade e a luta ferrenha de Paulo Honório para se estabelecer como capitalista são acompanhadas da exposição das fragilidades e das idéias de

Padilha. A existência, na mesma época, de duas professoras tão contraditórias: enquanto Clarissa mostra-se reticente frente aos desafios, Madalena é movida pela ousadia.

Todo este fascinante universo de personagens, conflitos, sentimentos e emoções que facilmente encontram identificação no mundo real pode revelar, mais do que culpados ou inocentes, um panorama complexo composto pelas práticas e embates humanos que ocorrem na tessitura da vida em sociedade.

CAPÍTULO I

1. *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS:* O MESTRE-ESCOLA E A INEXISTÊNCIA DE SISTEMA ESCOLAR

Iniciamos nossa caminhada com as recordações do narrador que, sob a arte de Manuel Antônio de Almeida, ao mesmo tempo em que nos dá lições de história, diverte-nos. Pedimos licença e adentramos no tempo da corte.

> Era no tempo do rei.
> Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda [...] chamava-se - o canto dos meirinhos[4][...] era aí o lugar de encontro [...] de todos os indivíduos dessa classe que gozava então de não pequena consideração. Os meirinhos de hoje não são mais do que sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida [...].
> Daí sua influência moral. (ALMEIDA, 1984, p.7)

Mostra-se, assim, um tempo e um espaço onde o rei ainda tinha poder absoluto e este poder estendia-se também a quem estava a serviço do monarca. O meirinho representa uma classe que compunha a justiça na época da monarquia absolutista.

[4] Meirinho: antigo funcionário judicial correspondente ao oficial de justiça de hoje; antigo magistrado de nomeação régia, que governava um território ou comarca.

Reportando-nos à realidade encontrada por D. João VI quando chega ao Rio de Janeiro, os historiadores falam-nos de europeus que se deslumbram com as belezas naturais, mas se aborrecem pela insalubridade e pela falta de atividades culturais.

O centro da cidade é quase todo ocupado pelos pobres que vivem em pequenas casas. Os mais abastados buscam áreas mais afastadas, possuem casas melhores e são servidos por escravos.

Os artesãos, os ambulantes e os empregados do comércio constituem os pobres da cidade. Os funcionários públicos, pequenos comerciantes, mestres-escola, padres formavam o que se poderia denominar classe intermediária. Os fazendeiros, os grandes comerciantes, os traficantes de escravos, os altos funcionários da administração compõem a camada rica da população dessa época.

Se as ruas do Ouvidor e da Quitanda recebem destaque no romance, é porque a ficção retrata as mudanças promovidas pelas medidas econômicas tomadas por D. João VI. Na época, de fato, na rua do Ouvidor instalam-se as lojas cheias de finos artigos europeus e orientais, que são consumidos pelas pessoas mais abastadas. Estas, vestindo-se com roupas européias, consumindo produtos importados, atendem à necessidade que as impulsiona a assemelharem-se às pessoas da corte e aos ricos europeus. Na verdade, ter hábitos europeus é algo que, acreditam, enobrece-os, distinguindo-os do restante da população.

O romance apresenta a atividade de meirinho como uma forma de destacar-se. Naquele grupo social, poucos ocupavam esta função; isto explicaria a importância e o autoritarismo que caracterizam estes funcionários, permitindo-lhes dispor dos expedientes de seu trabalho da forma que melhor lhes conviesse.

O autor, ao referir-se ao seu tempo, meados do século XIX, mostra um Brasil influenciado pelas transformações que, no mundo europeu, desestruturaram a sociedade feudal e estabeleceram uma nova ordem político-econômica.

Em *Memórias*, à medida que o movimento social prepara o terreno para as mudanças na forma de produção, altera também o poder do rei e os referenciais das pessoas próximas à corte.

> [os meirinhos] tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivava de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponente, nem no seu semblante, nem no seu trajar, confundem-se como qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos, nos seus semblantes transluzia um certo olhar de majestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana[5]. (ALMEIDA, 1984, p.8)

Observamos que, de forma irônica, através do narrador, o autor denuncia um grupo social que, perdeu o prestígio relativo em função da democratização e diversificação da sociedade. Sendo assim, os "meirinhos de hoje", nesse

[5] Chicana: tramóia; enredo em questões judiciais.

momento, estão sob uma monarquia parlamentar. Com as mudanças econômicas, muitas pessoas são chamadas a participar do processo de trabalho, que se diversifica cada vez mais. Mudanças sociais promovidas pela Revolução Francesa (1789).

Se por um lado, os países europeus, que vivem sob monarquias absolutas, combatem o exército napoleônico, pois temem a ordem política instalada pela Revolução Francesa, por outro, a Inglaterra, país capitalista, governado por uma monarquia constitucional, receia que a França, igualando-se em nível de desenvolvimento econômico, torne-se um país concorrente.

É esse panorama que leva a Corte portuguesa a transferir-se para a Colônia no início do século XIX, pois temia-se que as mudanças e os conflitos econômicos, influenciando Portugal e suas colônias, pudessem ameaçá-la.

A transferência da realeza para a Colônia é uma tentativa de manter o poder metropolitano num momento em que a intensificação das relações capitalistas substituía-o por outro que se guia pela liberdade de produção e de troca, pelo livre desenvolvimento científico, literário e tecnológico, ou seja, permite às pessoas o livre pensamento em relação também à religião e à política.

Se, com esta medida, a coroa portuguesa acredita manter o controle sobre a colônia, a própria vinda da família real intensifica as condições que, gestadas pela colonização, permitem à Colônia tornar-se sede do Estado.

Para além disso, interessa ao nosso tema o fato de que a instalação da corte portuguesa na cidade do Rio de janeiro e as transformações advindas desse fato acabam, com o tempo, atingindo e modificando os escassos centros urbanos brasileiros. Boris FAUSTO (1998), salientou que:

> A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade [...] esboçou-se aí uma vida cultural [...] acesso aos livros e a uma relativa circulação de idéias, abriram-se também teatros, bibliotecas, academias literárias e científicas para atender aos requisitos da corte e de uma população em rápida expansão. (FAUSTO, 1998, p 125)

Todas essas mudanças são impulsionadas pelos primeiros atos de D.João VI, a Carta Régia de Abertura dos Portos e o Alvará da Liberdade Industrial. A mudança do Estado exige a criação e o funcionamento, no Rio de Janeiro, dos órgãos da administração pública, resultando em oferta de novas atividades de trabalho para os homens livres. Intensificam-se as atividades comerciais, bem como cresce o número de artesãos, alfaiates, costureiras, chapeleiras, sapateiros, pintores, cantores, sangradores, boticários e, posteriormente, médicos e letrados.

Dessa forma, as mudanças na economia alteram as relações sociais e a própria Monarquia enfraquece à medida que o país se desenvolve. Em *Memórias*, isso pode ser visto através dos meirinhos, os quais são representados em dois momentos históricos: na época da Monarquia Absolutista e como podemos observar a seguir, no tempo da monarquia Parlamentar, tornam-se uma categoria

profissional que pode ser comparada às demais, deixando de despertar interesse, seja pelo ganho seja pelo prestígio.

No romance, Leonardo, protagonista e aluno do mestre-escola é filho de Leonardo Pataca, meirinho cuja alcunha provém: "[...] Do hábito que tinha de queixar-se a todo instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis.[6]"(ALMEIDA, 1984, p.9)

Á medida que enveredamos pelo romance, observamos comportamentos e atitudes que vão assinalando as mudanças, as quais, aos poucos, incorporam-se ao movimento social que, por sua vez, vai moldando e agregando novos referenciais.

Já afirmamos nosso pressuposto de que mudanças nas formas de produzir a riqueza alteram as relações sociais e que essas mudanças, captadas intuitivamente pelos escritores, transparecem em suas obras. Sendo assim, podemos compreender porque um dos nossos principais críticos literários, Antonio Candido, classifica *Memórias de um sargento de milícias* como um romance de transição entre o Romantismo e Realismo, embora seja produzido no auge do primeiro movimento literário. Isto ocorre devido ao protagonista fugir aos padrões da literatura romântica, caracterizando-se como um herói às avessas. Delineados pelo humor e ironia do autor, sociedade e protagonista, livres de sentimento de culpa, transgridem regras, alteram valores. O comportamento do padrinho, sob os

[6] . 320 réis: esse era o valor correspondente a uma pataca (N.E.)

cuidados de quem fica o menino, após a separação dos pais, evidencia estas mudanças:

> [...] até as próprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça [...] ás vezes eram verdadeiras ações de menino malcriado [...] outras vezes [...] eram ditos que denotavam já muita velhacaria para aquela idade, e que ele julgava os mais ingênuos do mundo.
> Era isto natural em um homem de uma vida como a sua; tinha já 50 anos, nunca tinha tido afeições, passara sempre só [...] Assim, a primeira afeição que fora levado a contrair sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira. Este aproveitando-se da imunidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha à cabeça. (ALMEIDA, 1984, p.20)

Ao lado dessa permissividade que, apesar da explicação dada pelo narrador sobre a condescendência do padrinho, parece incompatível com o tempo, nasce também a preocupação em relação ao futuro do afilhado.

> Gastava às vezes as noites em fazer castelos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição [...] Pelo ofício do pai [...] ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem jeito, porém sempre se há de dizer: _ ora, é um meirinho! [...] Pelo meu ofício [...], porém não o quero fazer escravo, dos quatro vinténs dos fregueses [...] licenciado não: é mau ofício; letrado? [...] não, tenho zanga a quem me lida com papéis e demandas... Clérigo?... um senhor clérigo é muito bom... é uma coisa muito séria... ganha-se muito... pode vir um dia a ser cura [...] Ele está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou14 anos há de me entrar para a escola. (ALMEIDA, 1984, p.21)

O autor, com traços de ironia e humor, menciona algumas formas de trabalho possíveis aos homens daquela época. A possibilidade de o afilhado tornar-se um meirinho como o pai é descartada, pois a rentabilidade nessa profissão depende

da capacidade de extorquir as vítimas e, diante do grande número de profissionais e da falta de prestígio, não existem garantias de enriquecimento, como pudemos constatar pelas queixas de Leonardo Pataca. O ofício de barbeiro também não significa boa situação econômica. O "padrinho" o conseguira, apoderando-se ilicitamente da herança de um comandante de navio, quando se empregou como sangrador. Licenciado ou letrado também foram possibilidades descartadas. O primeiro, de acordo com o padrinho, ainda não é valorizado. O segundo também não, conforme denúncias do narrador. Em *A economia brasileira no alvorecer do século XIX*, Rodrigues de Brito faz algumas menções à forma como esses profissionais eram vistos pelos homens daquela época. Atendendo ao inquérito econômico, solicitado pelo príncipe regente, o governo da Bahia devia responder a cinco quesitos e outros problemas que envolviam o comércio e a lavoura da capitania da Bahia e que estariam entre as causas que retardavam o progresso da Agricultura e do Comércio. João Rodrigues de Brito, ao referir-se aos capitais e créditos, cita desta forma os expedientes de trabalho dos profissionais dos ofícios da Justiça, ou seja, os letrados, no entender do padrinho:

> As vergonhosas delongas dos processos pendentes do arbítrio dos Juízes, Advogados, Escrivões e outros Ofícios da Justiça, interessados na demora pela maneira com que se tem provido às suas subsistências com emolumentos contingentes; a multiplicidade das fórmulas que põe os cidadãos à mercê dos Procuradores; a maneira de contar as custas conforme as taxas, que não observam, senão contra o vencedor [...] (BRITO, v.2, p.108)

Observamos que humor e ironia são os recursos utilizados por Manuel Antônio de Almeida na descrição da série de acontecimentos ilícitos a que se permitem as

pessoas responsáveis pela manutenção da ordem, sejam autoridades civis, militares ou eclesiásticas. O autor descreve, de forma hilária, expedientes de trabalho que, na época colonial, de forma semelhante, prejudicam o processo de desenvolvimento.

O fato de a entrada do afilhado na escola ser protelada demonstra várias coisas; entre elas, que para o setor social retratado em *Memórias*, a falta de mestres, a carestia na oferta de serviços, a inexistência de escolas públicas, era solucionada com as iniciativas domésticas de instrução. Entretanto, o campo econômico suscitava medidas que dependiam da instrução popular para se desenvolverem. Estas já haviam sido mencionadas, no inquérito econômico citado anteriormente:

> Para os que nascem da falta das facilidades o remédio é construir as obras e fundar as instituições [...] dissipar as trevas da ignorância, ordenando que todas as pessoas de ambos os sexos saibam ler, escrever e contar, estabelecendo as instituições e um bom sistema de estudos[...] honrando e favorecendo os que se distinguirem, principalmente na ciência econômica, que, sendo a mais importante é a mais ignorada [...] Mas todas estas benéficas instituições, e outras semelhantes, de pouco aproveitarão para espalhar os conhecimentos humanos sem a liberdade de pensar e publicar os pensamentos por todos os meios conhecidos, principalmente os da imprensa. (BRITO, v.2, p.132)

No início do século XIX, alguns autores brasileiros, em consonância com a literatura econômica européia que expressa a crise da época do liberalismo econômico, apresentam propostas que preconizam a instrução como forma de alavancar a produção. Apesar disso, no Brasil, esse século é marcado pela preocupação essencial de formar o Estado Nacional e para esse fim voltam-se

todos os empenhos, devendo as demais necessidades, como a educação escolar, aguardarem um momento mais favorável em termos de prioridade.

Sem instituições científicas e escolares, a sociedade retratada em *Memórias,* muito crédula, supersticiosa e às vezes libertina procura por diversos meios realizar seus anseios. Um deles é contar com a ajuda de quem tem por ofício dar fortuna[7]:

> E não era só a gente do povo que dava crédito às feitiçarias, contava-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam às vezes comprar venturas e felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições. (ALMEIDA, 1984, p. 24 – 25)

Para "manter" a ordem na cidade e conter comportamentos como o relatado na passagem acima, essa sociedade conta com a autoridade absoluta do major Vidigal.

> [...] Nesse tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou antes, estava-o de um modo em harmonia com as tendências e idéias da época [...] O major Vidigal[8] era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não haviam (sic) testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si [...] dados os descontos necessários às idéias do tempo, em verdade não abusava ele muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado. (ALMEIDA, 1984, p.27)

[7] dar fortuna:; "ler a sorte" . (N.E.)
[8] O Major Vidigal existiu realmente, tendo sido um temido chefe da polícia carioca da época. (N.E.)

As personagens do romance parecem viver uma indefinição de regras sociais semelhante aos avanços e retrocessos dos encaminhamentos político–econômicos na sociedade brasileira real.

A transformação ocorrida no Rio de Janeiro criou condições para uma movimentação social, em meio à qual, sob a guarda das "autoridades", a mulher, embora não freqüente a escola, passa a ter maior participação na vida social e pública. Em *Memórias*, ela aparece transitando pelas ruas, convivendo com as pessoas. A comadre é a única personagem feminina que exerce uma atividade fora de casa; graças à sua curiosidade, aprendera o ofício de parteira.

> [...] a comadre servira de madrinha ao nosso memorando.
> Era [...] uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira [...] e benzia de quebranto, todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa–missas da cidade [...] (ALMEIDA, 1984, p.35)

Memórias desenha-nos um universo de personagens que, embora se movimentem de forma ilícita, segundo CANDIDO (1970), revelam as repercussões das transformações históricas no mundo feminino. De acordo com José Ricardo Pires de Almeida (1989), para dar ofício às mulheres socialmente desvalidas, em meados do século XIX, são instituídas aulas de parto; essa representaria uma das primeiras oportunidades de trabalho para a mulher.

A emancipação feminina captada por Manuel Antonio de Almeida será mais tarde destacada por Fernando de Azevedo (1976):

> [...] As mulheres – a matrona, ou senhora, com a sua corte de mucamas, empregadas na indústria doméstica e as filhas que não se desprendiam das saias das mães [...] viviam aprisionadas, atrás das rótulas e das portas, na solidão melancólica de seus gineceus[9], onde estranho algum podia penetrar e donde geralmente não saíam à rua senão para as festas de igrejas. (AZEVEDO, 1976, P.20)

Com as mudanças promovidas por D. João VI, as mulheres passam a vivenciar uma nova situação social. O convívio com a corte, as tentativas de imitar e incorporar novos costumes e atitudes perpassam pela maneira da comadre se vestir e se comportar.

> O seu traje habitual, era como o de todas as mulheres de sua condição e esfera, uma saia de lila[10] preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós atrás da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma clássica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena fuga de ouro ou de osso [...] ((ALMEIDA, 1984, p.36)

Dentro desse convívio social, vestimentas e amuletos, se ainda têm a função de proteger e esconder o corpo da mulher, já não conseguem mais afastá-la das novidades, do contato com as novas idéias que desembarcam nos portos brasileiros juntamente com imigrantes portugueses, espanhóis, franceses e ingleses que aqui se estabelecem. Esse afluir de pessoas inaugura novos hábitos, desde o refinamento na maneira de comer, com uso de garfo e faca, na higiene, na construção e divisão interna das casas, até o refinamento no uso dos móveis. Os imigrantes formavam colônias urbanas e, "[...] passavam a difundir os padrões

[9] Gineceus: arte da habitação grega reservada às mulheres.
[10] Lila: tecido de lã fabricado na cidade francesa de Lille.

de uma burguesia endinheirada" (STAFUZZA,2000,p.9), portanto, por todos almejada.

Tecidos e acessórios passam a recompor a moda feminina revelando que a forma de pensar e agir já se inclina às mudanças. Ao mesmo tempo em que o ofício torna a comadre independente, permite-lhe opinar sobre a educação do afilhado.

Na composição do visual feminino, a mantilha é um acessório importante, auxilia a observação e a comunicação que, em surdina e veladamente, as mulheres realizam em lugares públicos.

> Este uso da mantilha era um arremedo do uso espanhol [...] Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época: sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas, para as casas; era o observatório da vida alheia [...] (ALMEIDA, 1984, p.36)

Este acessório fisicamente esconde a mulher por completo, mas não a impede de expor suas idéias. Apesar de ser comum, em virtude da própria vida que levam, observar o viver alheio, ao expressar o que vêem e sentem, estas mulheres realizam uma troca de experiências e de conhecimentos e, como o tempo é de mudanças, estas são, desta forma, propagadas. Rua e mantilha permitem às mulheres educar-se através da escola da vida.

Durante a conversa entre duas beatas de mantilha, a comadre fica sabendo da situação do seu afilhado e, na conversa que mantém com o compadre, aparece

sua posição em relação às funções da educação popular: “[...] o compadre [...] contou suas intenções a respeito dele. A comadre [...] não via o menino com jeito para padre, achava melhor metê-lo na Conceição a aprender um ofício”.(ALMEIDA,1984, p.38). Esta atitude mostra que as relações estão se alterando. Em AZEVEDO observamos que

> Na família patriarcal, a única força que realmente se contrapunha à ação educativa dos jesuítas, era a do senhor de engenho, cuja autoridade soberana dominava do alto não só a escravaria, mas a mulher e os filhos, mantidos à distância**.** (AZEVEDO, 1976, p.80)

Em *Memórias*, já observamos um meio social no qual a mulher pode interferir e participar das decisões da sociedade e o homem pode respeitar esta liberdade feminina, sem que isso caracterize perda de autoridade.

No romance, a opinião da madrinha sobre o futuro do afilhado, diante da situação, parece mais coerente com a sociedade capitalista. Ainda em 1886, as palavras de saudação proferidas pelo doutor Silva Freire sobre o Liceu de Artes e Ofícios combatem o preconceito de alguns setores sociais contra os ofícios e trabalhos manuais.

> Um dos resultados práticos deste sistema consiste em debelar esse ridículo preconceito que fez com que o jovem mais favorecido de fortuna, e, portanto, não obrigado à ocupação material para prover a própria existência, julgue deprimente o trabalho manual, os ofícios e as artes mecânicas.
> A história no entanto está repleta de exemplos que provam quanto o trabalho físico e a habilidade manual favorecem aos homens de talento. (BARROS, 1955, p.32)

Através destes dois personagens, o barbeiro e a comadre, o narrador põe em cena a polêmica que acompanha a sociedade brasileira ao longo dos tempos, entre o enaltecimento da educação intelectual e o desprestígio dos trabalhos manuais.

PIRES (1989), ao fazer referência à atividade de parteira, àquela época, faz menção a essas divergências:

> [...]Aplicam-se a este ramo mulheres da classe inferior, e quando a idade poucos recursos lhe oferece [...] carecem de quase todo o desenvolvimento intelectual; e depois a quadra da vida já não é mais própria para o estudo. Por fim, são mulheres que vivem de ordinário de seu trabalho – é essa, não muito larga aplicação que podem ter [...] (PIRES, 1989, p.151)

Portanto, a postura da madrinha revela, ainda que veladamente, uma condição de independência e segurança em meio a uma camada social que lentamente se modifica, mas, na busca de novas formas de produção da vida material, deixa-se influenciar por estas convicções que as práticas sociais incubem-se de transmitir.

Desta forma, o padrinho, concebendo a instrução via escola como um meio de atingir os objetivos profissionais para o afilhado, logo que este alcançou alguns progressos e "*lia sofrivelmente"*, concluiu que era o momento de procurar o mestre-escola.

> [...] morava este em uma casa da rua da Vala, pequena e escura.
> Foi o barbeiro recebido na sala que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho, sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escreviam os discípulos [...] no teto havia penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os

> tamanhos e feitios, dentro das quais pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predileta do pedagogo. Era este homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo: usava óculos, tinha pretensões de latinista e dava bolos nos discípulos por dá cá aquela palha[11] .Por isso era um dos mais creditados da cidade. (ALMEIDA, 1984, p.57)

Ao localizar a casa na qual o mestre-escola instrui os meninos, o narrador mostra o contraste entre essa região e as ruas que servem de ponto de encontro e de trabalho dos meirinhos. Evidencia, assim, a diferença que havia entre eles em termos de valorização profissional. Tanto o mestre-escola quanto a sala de aula compõem um universo que, embora pareça reduzido, é condizente com as necessidades da época. À fragilidade e fraqueza do mestre-escola contrapõe-se o seu suposto conhecimento e a força decorrente dos castigos físicos que aplica aos alunos.

PINHEIRO (2002), em seus estudos sobre as escolas da Paraíba, aponta os problemas do funcionamento das cadeiras isoladas nas residências dos professores, nas quais, em alguns momentos, o mesmo espaço físico era utilizado por alunos e familiares. No caso de *Memórias*, os alunos convivem com o alarido dos passarinhos. A passagem a seguir descreve a reação do afilhado e a convivência em sala de aula:

> O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou em pouco escabriado [sic] à vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era uma sábado; os bancos estavam cheios de meninos,

[11] por dá cá aquela palha: expressão que significa por qualquer motivo. (N.E.)

> vestidos quase todos de jaqueta ou robissões[12] de lila [...] chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada. Era uma espécie de ladainha de números que se usava então nos colégios, cantada todos os sábados em uma espécie de cantochão[13] monótono e insuportável, mas de que os meninos gostavam muito. As vozes dos meninos, junto ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre [...] escutava impassível, com uma enorme palmatória na mão, e ao menor erro que algum dos discípulos cometia [...] cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos [...] O compadre expôs no meio do ruído, o objeto de sua visita e apresentou o pequeno ao mestre. (ALMEIDA, 1984, p.57 – 58)

Através do panorama descrito pelo narrador, o autor revela que, embora as mudanças estejam ocorrendo, na "escola", os meios instrucionais continuam sendo os da família patriarcal, na conservação e recondução de uma forma de riqueza baseada nas grandes propriedades. Tal comportamento também foi observado por (SFORNI, 1996, p.96): "[...] assim, enquanto na sociedade a obediência foi mantida pela força física, no interior da escola o homem professor representava a autoridade, os castigos e a força".

No entanto, o fato do padrinho não apenas procurar a escola, mas também considerá-la o caminho para que o afilhado aprenda *alguma coisa para um dia vir a ser gente,* revela que o setor social retratado em *Memórias,* a baixa burguesia intensifica seu desejo de alcançar o patamar considerado superior. O referencial de riqueza, apontando para a mobilidade dos bens, gera novas necessidades que as pessoas procuram satisfazer. No romance, isto se dá com a entrada do afilhado na escola:

[12] robissões: sobrecasacas
[13] cantochão: canto a uma só voz.

> Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracolo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho acompanhou-o até a porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pode dispensar de lhe dar quatro bolos[14] [...] declarou desde este instante guerra viva à escola. Ao meio dia veio o padrinho buscá-lo, e a primeira notícia que ele lhe deu foi que não voltaria [...].
> _ Mas você não sabe que é preciso aprender?...
> _ Mas não é preciso apanhar... (ALMEIDA, 1984, p.58-59)

No romance, observamos que as mudanças na forma de conceber a riqueza impõem à sociedade novos comportamentos e atitudes. No caso de *Memórias* há uma contradição entre a forma como o afilhado vinha sendo educado pelo padrinho e a maneira de educar do mestre-escola.

O padrinho que nunca determinara limites ao afilhado, diante da disciplina exigida pelo mestre, ousa mostrar-se contrafeito, pois suscitava-lhe uma profunda preocupação, não o comportamento do afilhado, mas a opinião da vizinha, que discordava de suas idéias sobre a educação do garoto. Além disso, enquanto ele dava sinais de insegurança, o menino começava a firmar suas próprias vontades.

> *[...] Mas não [sic] haviam reclamações; o que o mestre fazia era bem feito. Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde à escola, o que só conseguiu com a promessa de que falaria ao mestre para que ele lhe não desse mais. Isto porém, não era coisa que se fizesse, e não foi só um engodo para arrastar o pequeno.* (ALMEIDA, 1984, p.59)

Diante da autoridade conferida ao mestre, o padrinho, fragilizado em sua própria autoridade pelo afilhado, não pode, entretanto, cumprir a defesa prometida ao menino. Foi com muita dificuldade que o obrigou a freqüentar as aulas.

[14] Bolo: pancada na mão com a palmatória (N.E.)

> À custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciência conseguiu o compadre que o menino freqüentasse a escola durante dois anos e que aprendesse a ler muito mal e a escrever ainda pior. Em todo esse tempo não se passou um só dia em que ele não levasse uma remessa maior ou menor de bolos [...] Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas, e não precisava mais de que ele o acompanhasse; no primeiro dia em que o padrinho anuiu a que ele fosse sozinho fez uma tremenda gazeta[15] [...] em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o apelido de gazeta-mor da escola, o que também queria dizer apanha-bolos-mor. (ALMEIDA, 1984, p.61)

Esta passagem mostra que a necessidade da escola está começando a se fazer sentir. Voltando-nos para a realidade da época, notamos que a nação, à medida que solidifica sua soberania política, vai criando as condições para realizar sua independência econômica. Assim, consideramos que as sociedades, adequando-se às transformações que modificam a forma de produção da sua vida material, criam instituições para atender aos novos desejos e necessidades, decorrentes destas mudanças. Apesar de a escola mostrar-se como necessária, o povo não sente, ainda, a obrigatoriedade da freqüência. Ainda existe muita resistência à disciplina escolar existente. Assim, tanto o ambiente escolar como o mestre-escola que nele atua mostram que aquela era forma de instrução possível.

O autor capta na sociedade monárquica um comportamento social que procura adequar-se às necessidades específicas do Brasil no contexto de exigências impostas pela revolução industrial. No Brasil, a elite dirigente conduz à construção de um modelo constitucional de Estado. Entretanto, essa intelectualidade é

[15] fazer gazeta: faltar às aulas para vadiar. (N.E.)

formada segundo os padrões europeus, embora de uma Europa multifacetada. Em meio ao processo de redefinição econômica e diante do impasse entre a continuidade ou não do tráfico de escravos, por exemplo, essa intelectualidade ora se volta para as transformações do mundo europeu, ora retrocede na defesa da agricultura e do trabalho escravo. Segundo PEREIRA: "[...] a burguesia só pôde resolver seus angustiantes problemas no Brasil quando a criação do exército de reserva, em escala mundial, criou condições para a superação da escravidão".(PEREIRA,1986, p.206)

Sendo assim, as idas e vindas e as dificuldades enfrentadas pelo padrinho revelam que a instrução, embora começasse a despertar interesse para aquele setor social, não é, até então, prioritária entre as inquietações que absorvem o povo e a intelectualidade administrativa. Portanto, a freqüência à escola não é tida como obrigatória e nem o Estado tem condições materiais de oferecê-la a todos nesse momento.

NISKIER (1995) descreve o panorama da instrução pública no período que vai de 1808 às vésperas da Independência:

> [...] o atendimento oficial era feito de acordo com as necessidades do momento, sem qualquer plano diretor, à mercê das exposições enviadas pelos governadores das capitanias, autoridades religiosas além de corporações de comerciantes, ou ainda, do interesse particular de professores e de pais de alunos. As câmaras municipais eram pressionadas para agir em defesa dos municípios, daí resultando a enxurrada de pedidos que chegavam a D. João e, mais tarde [...] a seu filho D. Pedro [...] (NISKIER, 1995, p.87)

Tal descrição vem confirmar a idéia de que as dificuldades administrativas vividas pela nação fazem-se sentir também nas instituições educacionais.

No romance, fica evidente que a educação formal lentamente chega ao povo e, na mesma medida, este vai lentamente considerando-a como uma necessidade essencial. Entretanto, às mudanças introduzidas no Rio de Janeiro e a intensificação das atividades comerciais corresponde uma intensa educação informal. Esta realiza-se através das procissões e festas religiosas, freqüentes e influentes nessa época, pois, dependendo da importância da comemoração, contam com a presença do rei e da corte, acabam por retirar de casa todas as pessoas: “Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação [...] enchia-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha [...]” (ALMEIDA, 1984, p.80). (grifo nosso)

Novamente o narrador, evidencia a importância do convívio social. As mulheres, relegadas a um mundo limitado pela casa onde moram, protegidas pelo uso da mantilha, quando expostas publicamente, participam, inteiram-se do que se passa na sociedade do Rio de Janeiro e têm diante de si um horizonte ampliado.

> Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma eram de uma pompa extraordinária, especialmente quando el-rei se dignava acompanhá-las, obrigando toda a corte a fazer outro tanto [...] (ALMEIDA, 1984, p.80)

Memórias figura eventos que reúnem todos os setores sociais e, dessa forma, difundem as novidades oferecidas pelos comerciantes estrangeiros e expandem as idéias, tanto as trazidas pelos estudantes que regressam de Portugal ou da França, após concluírem os estudos, quanto dos estudantes que freqüentam os cursos superiores criados por D. João VI.

A força e a influência do convívio com os estudantes na disseminação de novos conceitos, novos valores e relacionamentos pode ser constatada em *História e Tradições da Cidade de São Paulo*: "[...] aos poucos ia sendo modificada [...] inclusive em seus costumes [...] sob a pressão da existência de um curso de Direito e da presença de numerosos estudantes do Rio de Janeiro e de outras províncias [...]" (BRUNO, 1954, p.445).

Embora essa obra retrate a situação vivida pela sociedade de São Paulo, é possível presumir que sob a influência da corte, das mudanças por ela promovida e dos estudantes que retornavam à cidade, o Rio de Janeiro tenha passado por alterações semelhantes. Além disso, segundo o pesquisador Richard N.Morse, citado por BRUNO (1954):

> Foi a academia de Direito que arrancou a capital da província do seu sono colonial e a presença dos estudantes criou condições para que se inserissem hotéis, teatros, atividades intelectuais que lhe alterariam a estrutura e os costumes tradicionais.
> A vida na república rompeu o austero código do sobrado e da família [...] os estudantes introduziram novas modas no vestuário [...] Levaram a vida para as ruas ao ar livre, criaram a necessidade de tavernas e livrarias e inauguraram o sentimento de comunidade [...]

> Surgiu o ceticismo: tradições, costumes, tabus, foram agudamente analisados pelos olhos da mocidade.
> [...] quando os estudantes saiam de férias interrompia-se a vida da cidade [...] (BRUNO, 1954, p.455, 456, 459)

Observamos a importância das instituições escolares tanto para o desenvolvimento intelectual das pessoas quanto para o desenvolvimento material das cidades. Atingindo muitas pessoas e provocando importantes mudanças, convergem entre si troca de conhecimentos e avidez por novidades. No caso das cidades, junto aos espaços destinados à instalação de cursos superiores, criam-se também diversas opções de lazer e, conseqüentemente, novas oportunidades de trabalho tanto para homens quanto para mulheres.

Nessa época, alguns ofícios são inovados, outros são instalados. É assim com o oficio de alfaiate, chapeleiro, sapateiro, guarda-chuveiro, ferreiro, vidreiro. O ofício de alfaiate, por exemplo, geralmente executado por um homem, passa a empregar várias mulheres para realizar costuras mais simples e acabamento que não exigem técnicas, mas é dessa maneira que muitas mulheres tornam-se costureiras, modistas ou chapeleiras famosas. No caso de médicos e advogados, poucos atuam na profissão, alguns são requisitados no quadro administrativo e em outras atividades.

Embora, no romance, o trabalho feminino seja representado apenas pela comadre, as personagens Vidinha e Luisinha, cada qual à sua maneira, retratam juntamente com a parteira o quadro de mudanças que atingem as mulheres através do convívio social. Vidinha, jovem pobre, expõe-se a uma vida social mais

intensa, seu comportamento embora, volúvel, pois é disputada amorosamente por dois primos e posteriormente por Leonardo, revela uma moça sociável e determinada em seus objetivos. Luisinha, por sua vez, pertence a uma classe social mais abastada, é educada pelo pai dentro de rígidos padrões. Se, por um lado, Vidinha parece ter liberdade em demasia, por outro, Luisinha, ao ter contato com um universo que vai além dos limites de sua casa, reage deslumbradamente.

No romance, observamos que, de forma semelhante à realidade, meninos pobres, meninas e escravos não freqüentam a escola. Os encontros sociais, no entanto, são a escola que possibilita, principalmente às meninas, outros conhecimentos além das atividades domésticas ou de fazer rendas, como podemos notar na passagem a seguir:

> Assim chegavam ao campo, que estava cheio de gente [...] Luisinha atônita no meio de todo aquele movimento, diante daquele espetáculo que via pela primeira vez [...] no tempo de seu pai raras ou nenhumas vezes saía da casa. Assim sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer coisa [...]
> [...] No melhor da ceia foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava [...] Luisinha estava extasiada [...]
> Aos foguetes seguiram-se [...] as rodas. Nessa ocasião, o êxtase da menina passou a frenesi; aplaudia com entusiasmo, erguia o pescoço por cima da cabeçada multidão. Tinha desejos de ter duas ou três varas de comprimento para ver tudo a seu gosto[...] (ALMEIDA, 1984, p.94 a 96)

O trecho citado transmite a idéia da grandiosidade e da importância desses eventos, que expõem mulheres e jovens ao público. Embora não sejam logo percebidas, as transformações sociais afloram lentamente e minam antigos valores, incorporando-lhes novos conceitos ou substituindo-os por outros que

melhor atendam às exigências da vida material. Nessa época, o comércio se fortalece, os centros urbanos crescem, novos desejos, novos produtos acompanham as mudanças e novas idéias demandam novas instituições.

Entretanto, se esta “escola da vida” consegue atingir a todos, na “escola”, sob o comando do mestre-escola, a instrução destina-se a poucos.

O romance finaliza revelando um setor social que, embora almeje atingir o patamar social superior, vive um parasitismo que, embora não corresponda mais às necessidades impostas pelas transformações econômicas, ainda está presente.

Para a baixa burguesia a instrução que o mestre-escola realiza, geralmente na própria casa, não passa, ainda, pelo crivo da freqüência obrigatória e esta procura, em seu próprio meio, várias maneiras, algumas ilícitas, outras lícitas, para alcançar seu objetivo, pois trata-se de um setor social muito crédulo e supersticioso.

O mestre-escola, por sua vez, continua a tarefa de instruir alguns meninos. As noções de escrita, leitura e cálculo são desenvolvidas sob uma rígida disciplina. Sem destaque financeiro, sua imagem reveste-se de “poder e de um suposto conhecimento”, atributos que a sociedade lhe confere, mas que, na prática, nem todos usufruem.

Tanto a “escola” quanto o mestre-escola por ela responsável, correspondem à possibilidade do Estado em atender as necessidades sociais do povo na primeira metade do século XIX. Esta sociedade essencialmente agrária, com seus centros urbanos escassos, à medida que promove um aumento do convívio social e amplia o espaço de troca de produtos comerciais, vai-se modificando em termos de um comportamento baseado na igualdade de condições. O referencial de riqueza fundamentado na mobilidade dos bens vai delineando a ordem econômica que se estabeleceria no Brasil.

Mudanças em relação à sistematização do ensino e conseqüentemente à profissionalização e formação deste profissional decorrem da consolidação das relações econômicas capitalistas e são instaladas nas escolas desde a segunda metade do século XIX, mas principalmente nas primeiras décadas do século XX. A partir de então a sociedade precisa formar as normalistas para educar meninos e meninas.

Em *Memórias*, apesar da participação social mais intensa por parte da mulher, representa-se a possibilidade de a mesma educar-se em sociedade. Em *Clarissa* observa-se que a mulher já se beneficia dos ideais vislumbrados pelo bispo Azeredo Coutinho, no final do século XVIII e início do século XIX: “[...] eu criei um seminário no meu bispado de Pernambuco [...] estabeleci ali um seminário de meninas [...] lhe dei estatutos próprios para a educação de mães de famílias e para aquelas que hão de ser as primeiras mestras dos homens [...]”(COUTINHO, 1966, p.193)

Em consonância com estes ideais, Tavares Bastos, em 1870, em *A Província*, ao realizar um estudo sobre a descentralização no Brasil, propõe a criação de uma taxa escolar. Entre outras funções esta se destinaria a melhorar o salário dos professores e dos seus adjuntos, tornando-o correspondente aos novos encargos dos mestres, de forma a atrair moços dignos e grande número de mulheres para o exercício da atividade. Espelhando-se nos Estados Unidos onde as mulheres já representam 70% dos professores, acredita que a reforma da instrução se tornaria, por isso, altamente moralizadora.

Notamos que tanto Azeredo Coutinho quanto Tavares Bastos prenunciam o gênero do profissional docente a quem passaria a caber a instrução dos meninos e meninas próprias ao modelo econômico que estava se instalando. Ambos atribuem à mulher a responsabilidade pela educação, seja enquanto mãe de família seja ensinando em instituições.

Neste momento da análise, deixamos a sociedade que contou com a presença do mestre-escola e prosseguimos pela sociedade que, para formar a normalista Clarissa, já conta com escolas apropriadas e com um corpo docente misto de homens e mulheres.

CAPÍTULO II

2. *CLARISSA:* A FORMAÇÃO DA NORMALISTA

Empregando um estilo suave e uma linguagem simples, Veríssimo compõe um universo rico e intenso, repleto de personagens simples, plenos de emoções, sentimentos alegres e tristes.

Deixando a cidadezinha de Jacarecanga onde a família de estancieiros enfrenta dificuldades econômicas, a jovem Clarissa fixa residência em Porto Alegre para realizar sua formação de normalista. Morando na pensão da tia, passa a conviver com vários pensionistas. Utilizando-se desse universo, o autor evidencia os conflitos que angustiam a sociedade mediana das cidades grandes nas primeiras décadas do século XX. O Major Nico Pombo, aposentado e defensor da Monarquia; tio Couto, marido da tia Eufrasina, sempre disposto a reformar a República e na expectativa de um emprego que depende da indicação de alguma pessoa influente; o músico e bancário Amaro, tímido, insatisfeito com a profissão e apaixonado inconfesso por Clarissa; Zezinho, estudante de medicina que tem aversão às aulas práticas; Gamaliel, prático de farmácia; o caixeiro-viajante, Procópio Barata e sua esposa, grande entusiasta do cinema, o judeu Levinsky, estudante de direito e, entre outros, Nestor, que, como Clarissa, também freqüenta os preparatórios. As dificuldades estão entre as características comuns a todos eles, além das preocupações com a situação político-econômica do país. As

angústias pessoais afloram neste movimento de personagens e Clarissa é, para eles, como um raio de sol, afasta as sombras que os invadem, trazendo-lhes a certeza das coisas bonitas da vida.

> _Vem para dentro, menina. Está na hora do colégio. O rosto da criaturinha ensombrece. O colégio... Livros, mapas, Ouviram do Ipiranga as margens plácidas... classes, cabeças curvadas sobre cadernos, cochichos, murmúrios, e uma vontade doida de sair para o sol, de correr, ver as ruas, as pessoas, às casas, o céu, os bondes, os automóveis... (VERISSÍMO, 1974, p.16)

O romance inicia mostrando que, diante do compromisso escolar, Clarissa se entristece. Da mesma forma que Leonardo, a jovem sente vontade de gazetear, mas, a obrigatoriedade escolar já é uma necessidade universal e contrariando a atitude do protagonista de *Memórias*, Clarissa freqüenta assiduamente as aulas.

As Aulas agora são ministradas num colégio, no qual os alunos, compondo classes, revelam um ambiente escolar que, diferentemente do espaço ocupado pelo mestre-escola e seus alunos, encontra-se, de certa forma, sistematizado e organizado pelo Estado. Sendo assim, os profissionais, professor e professora, para atuar nesta escola são formados pelas escolas normais.

Embora o colégio pareça oferecer vários recursos pedagógicos para facilitar e incentivar a aprendizagem, somados à disciplina exigida pela escola, Veríssimo representa um ambiente que, da mesma forma como ocorria em *Memórias,* tolhe a liberdade dos alunos. O desejo de Clarissa é sorver tudo o que Porto Alegre lhe oferecer. O conhecimento que o mundo, fora dos limites do colégio, pode

proporcionar-lhe é mais aprazível do que aquele imposto pela escola. Entretanto, esta vida que pulsa na cidade, os cuidados da tia, a freqüência obrigatória ao colégio, a obediência aos ensinamentos da família e da escola, compõem o universo social que vai educando a jovem normalista.

O compromisso escolar fixa suas raízes no final do século XIX. No Brasil, isto coincide com a alteração nas relações de trabalho, a reestruturação completa do Estado e a passagem da sociedade agrícola para sociedade urbanizada. Em termos mundiais, corresponde ao surgimento de novas potências econômicas que competem entre si de forma desenfreada e violenta.

No final da Primeira Guerra (1914–1918), o mundo está diferente. Os Estados Unidos saem dela como a maior potência capitalista e na Rússia, em meio ao conflito define-se a revolução socialista. Estas nações, com seus diferentes sistemas socioeconômicos, marcam a história do mundo no século XX.

No Brasil, o conflito mundial possibilita que se altere um pouco a característica agro-exportadora da sua economia. A economia brasileira presencia um surto industrial que provoca muitas mudanças em várias cidades.

Com o crescimento das cidades, novos grupos sociais vão surgindo e outros, já existentes, ganham mais importância. É o que ocorre às classes médias urbanas, por exemplo, formadas, entre outros, por professores, profissionais liberais, donos de estabelecimentos comerciais, funcionários públicos e militares. Estes grupos

fazem com que se ampliem os serviços ligados à educação, ao transporte, à justiça, à saúde e ao lazer.

Diante das novas instituições sociais que passam a atender às necessidades de uma economia pautada na diversidade de tarefas e de funções, os setores sociais polemizam o papel desempenhado pela escola pública. Muitos partem em defesa da escola pública, laica, universal e gratuita como um meio de garantir direitos e oportunidades, outros, defendem a escola pública como o “remédio” para os problemas enfrentados pela sociedade. Estes discursos acompanham o processo de expansão escolar decorrente da industrialização e perpassam as escolas normais cujas salas encontram-se, nesse momento, repletas de alunos, em sua maioria, jovens adolescentes.

Entretanto, o romance apresenta várias menções à vida na cidade e aos movimentos sociais do país, na década de 30. Em geral, são detalhes presentes nos diálogos entre os moradores que, junto com Clarissa, dividem a pensão da dona Eufrasina, tia da jovem protagonista.

> O Major Pombo pigarreia:
> _ Que nos conta de novo, seu Amaro?
> Amaro encolhe os ombros [...] Nada. A vida rola ... Ameaças de guerra na Europa. Um discurso de Mussolini [...] Campanha eleitoral nos Estados Unidos. No Brasil _ "isto que o senhor está vendo". (VERÍSSIMO, 1974, p. 22)

A crise que atinge a economia e que dá origem à Queda da Bolsa, de 1929, é um fato importante na vida desses personagens. Ouvindo-os e observando-os,

Clarissa vai formando os referenciais que, somando-se àqueles difundidos pela escola e à educação imposta pela família, nortearão a sua formação e, posteriormente sua atuação em sala de aula. A tia de Clarissa procura seguir à risca a parte que lhe cabe nesta tarefa:

> _ Juizinho, minha filha. Olha que estás ficando uma moça...
> A recomendação da tia não lhe sai nunca da memória. É preciso ter compostura: andar a passo normal, não rir alto, não saltar ... Caminhar como seu Amaro: descansadamente, braços caídos, cara séria, sem olhar para os lados, nem para cima... Andar como um boneco de mola. Ora bolas! Ora bolas! Ora bolas! (VERÍSSIMO, 1974, p.27).

Se em *Memórias* tínhamos uma sociedade que parecia desorganizada e a educação empregada pelo padrinho, em relação ao afilhado, não exigia a obediência às regras, em *Clarissa*, ao contrário, a educação exercida pela tia também está em consonância com a sociedade. Uma sociedade na qual o desenvolvimento é pautado na organização e a vida em público deve seguir as regras estabelecidas. Esta educação também tolhe a liberdade da criança e do jovem à medida que vai formando o trabalhador necessário à demanda econômica nesse momento.

Através das observações de Clarissa, em relação ao personagem Amaro, o qual contrapõe-se à vitalidade da jovem, o autor mostra uma adolescente que se rebela, posicionando-se contra a educação conservadora. O comportamento autômato, que parece ter sido incorporado pelo bancário, seria conseqüência desse tipo de educação.

A cidade descortina-se para Clarissa enquanto caminha para o colégio: “[...] As pedras do calçamento, as vidraças, os globos leitosos dos combustores, os automóveis que rodam nas ruas _ tudo lampeja...” (VERÍSSIMO, 1974, p.27)

Embora, curta, esta descrição da cidade, juntamente com as outras que, no romance, compõem Porto Alegre, mostra que, impulsionada pelos reflexos da crise vivida pela sociedade retratada na obra, a cidade lampeja crescimento e modernidade.

Na realidade, na década de 1930, o processo de substituição de importações volta a ocorrer dando novo impulso à indústria brasileira, embora sejam estabelecimentos pequenos e com pouca tecnologia. Nessa época, o valor da produção industrial brasileira aproxima-se ao da produção agrícola, isso significa que, embora o país continue sendo agro-exportador, as indústrias de bens de consumo não-duráveis adquirem importância na nossa economia.

Desta forma, o Estado que surge em 1930 com o governo provisório, caracteriza-se por um grande intervencionismo, interferindo diretamente na economia, na saúde, nas relações trabalhistas, na cultura e na educação.

À medida que o narrador mostra o que é freqüentar a escola para Clarissa, percebemos a escola possível ao Estado naquela época:

> Clarissa segue num encantamento [...] Como a vida é boa! E como seria mil vezes melhor se não houvesse esta necessidade (necessidade não: obrigação) de ir para o colégio, de ficar horas e horas curvada sobre a classe, rabiscando números, escrevendo frases e palavras, aprendendo onde fica o cabo da Boa Esperança, quem foi Tomé de Souza, em quantas partes se divide o corpo humano, como é que se acha a área de um triangulo... Os olhos de Clarissa dançam de cá para lá examinando tudo... (VERÍSSIMO, 1974, p. 27–28).

Embora ainda não existam condições materiais para oferecer escola a todos, o Estado realiza uma educação escolar que, apesar de não corresponder plenamente ao querer dos educadores, procura atender às necessidades sociais da época. A obrigatoriedade do ensino além de ir ao encontro do objetivo da reconstrução nacional, é parte da reforma que o Ministro Francisco de Campos realiza em relação ao ensino secundário que passa a compreender dois cursos seriados: o fundamental e o complementar. O curso complementar é uma inovação e "[...] era composto de dois anos em caráter obrigatório para os candidatos à matrícula em institutos de ensino superior [...]" (NISKIER, 1996, p.251). Sobre isto, AZEVEDO nos diz que: "[...] uma instituição de caráter eminentemente educativo destinada a uma adaptação [...] às futuras especializações profissionais [...]" (AZEVEDO, 1976, p.171) (grifo nosso).

No romance, Clarissa realiza os preparatórios que culminarão com sua formação de normalista, o personagem Nestor também depende deles para ingressar em um curso superior. Preparatórios ou exames parcelados era a denominação do regime que, segundo AZEVEDO (1976), existiu até 1930 e que Veríssimo, através

do narrador, emprega como forma de criticar a continuidade de um ensino que, apesar das reformas, continua conservador e fragmentado.

Sendo assim, esta prática escolar inibe a viva curiosidade de Clarissa, a qual, diante do mundo que as ruas de Porto Alegre desvendam, proporciona-lhe uma série de conhecimentos.

Este mundo, nessa fase da vida de Clarissa, é o mundo urbano, diferente do universo de Jacarecanga da estância do pai. A educação de Clarissa também se enriquece com o crescimento da capital, este é marcado pelo som de várias e diferentes falas:

> À beira da calçada dois homens em manga de camisa discutem:
> _ Prometi cinco por cento, pago cinco por cento, diz um.
> O outro faz gestos desordenados, muito vermelho, e dá pulinhos miúdos e repetidos.
> _ O signore é um ganalha!
> [...]
> -Vem pra dentro, Simpliciano, não dá confiança pra esse gringo!
> Clarissa sorri e segue seu caminho. (VERÍSSTMO, 1974, p.28)

O imigrante é personagem importante na composição da sociedade urbana retratada nas duas obras de Veríssimo, utilizadas em nossa pesquisa. Este trabalhador que substitui o negro na passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, em *Clarissa* representa o trabalhador que não vai para a roça ou que dela sai e fixando-se na cidade, executa serviços de porta em porta, atendendo, dessa forma, às necessidades da população urbana, influenciando esta sociedade.

Se neste romance, ainda são as personagens que apreçam os serviços oferecidos pelos imigrantes e estes são denominados, depreciativamente por “gringos”, em *Música ao longe*, a ação dos imigrantes e o desempenho do trabalho por eles realizado, terá profunda relação com a decadência econômica da família de Clarissa.

Sobre a ação e a influência deste homem para a sociedade brasileira, Gilberto FREYRE, ao falar do imigrante instalado nas fazendas de café de São Paulo, nos diz que:

> [...] passado algum tempo de trabalho agrário, deixavam-se atrair pelas fábricas, pelas indústrias, pelas atividades urbanas [...] Tendência que se intensificou com a República. E uma vez na cidade, o ânimo dos adventícios italianos tornou-se o de ascensão social através da competição com a gente nativa.
> [...] Alguns se estabeleciam [...] como engraxadores de sapatos, afiadores de tesouras e facas, pequenos mascates [...] esses europeus, quando italianos, aprendiam em pouco tempo a língua portuguesa, preferindo empregá-la à medida que se verificava sua ascensão social paralela ao sucesso econômico [...] (FREYRE, 1962, P.482 – 483)

A convivência com o imigrante representa uma troca de conhecimentos, um entrelaçamento de culturas e também uma superação ou substituição de valores que ganha mais forças à medida que o imigrante, estabelecido, progride economicamente.

Seguindo seu caminho pelas ruas da cidade, atenta a tudo e a todos, Clarissa chega ao colégio:

> Retoma a marcha e dentro em pouco avista a fachada amarelenta do colégio, com as suas sacadas de ferro, e seu ar de casarão assombrado.
> [...].
> O saguão do colégio tem um bafio de porão, um cheiro de velhice.
> A zeladora, ao pé da escada, mãos na cintura, imóvel como uma estátua, óculos acavalados no nariz todo picadinho de bexigas, solta a sua voz cortante e desagradável:
> _ Depressa menina! A chamada vai começar.
> _ Bom –dia, dona Filó!
> Os óculos de Dona Filó fuzilam.
> [...].
> Duma sala próxima vem o som de vozes femininas que cantam em coro:
> Ouviram do Ipiranga as margens pláaaacidas... (VERÍSSIMO, 1974, p. 30 – 31).

Enquanto a cidade vai sendo descoberta pela jovem como um universo de novidades prazerosas e alegres, a visão do colégio, as atitudes da zeladora, a rotina em sala de aula, tudo conspira à mesmice, assumindo, sob o olhar de Clarissa, características desoladoras.

No entanto, a imagem da zeladora do colégio, seu comportamento autoritário, a violência que parece expandir-se através dos seus óculos, a própria arquitetura do colégio e a prática escolar, compõem um todo, cujo objetivo é defender e consolidar as mudanças que estão se operando no país, desviando-o das tendências que marcam o mundo internacional e que o desenvolvimento, por marcar a vida das pessoas com ganhos e perdas, leva-as a pensar em saídas. Veríssimo, sem demonstrar parcialidade, revela-as através dos personagens, são discursos que abordam temas como o comunismo, o fascismo e o nazismo.

Este conjunto de preocupações que, juntamente com a educação dos filhos dos imigrantes, precisam ser "zeladas" é acompanhado pela influência das idéias do Positivismo que difundem ser possível, através da ordem, alcançar o tão desejado progresso. O canto do Hino Nacional, sempre presente em sala de aula firma este pacto de amor e defesa da pátria com os ideais postos naquele momento.

Se no colégio freqüentado por Clarissa há somente a presença do profissional feminino, as lembranças da jovem sobre a escola nos trazem a professora e o professor presentes na vida escolar da personagem: “Dona Amélia Borralho, professora do quinto ano, olhou para Clarissa. Seus óculos fuzilaram ferozmente”. (VERÍSSIMO, 1974, p.34).A seguir, a figura do professor: “Os índios que moravam no Brasil [...]davam-se à antropofagia, que é o feio hábito de comer carne humana. Foi assim que o velho Sarmanho, professor de História do Brasil, falou na aula, com o dedinho no ar”.(VERÍSSIMO, 1974, p.35)

Se fisicamente o professor também é retratado por Veríssimo como um ser fraco e inofensivo, nesse momento, inversamente ao que ocorria em *Memórias,* sua imagem vem destituída da força e do poder que emanavam do suposto conhecimento e do uso da palmatória. À época da jovem Clarissa, o autoritarismo e a força dentro da sala de aula provêm da violência presente no olhar professora e do uso da régua que, substituindo a palmatória, faz parte dos objetos que compõem a sala de aula.

Ao longo da narrativa, o narrador vai tecendo a perspectiva de Clarissa, ora a partir da educação escolar, ora a partir da educação que a tia exerce sobre ela:

> [...] Até o papagaio sabe seu nome [...] Também, todo dia ouve aquele nome... Se os nomes gastassem, o dela estaria gasto... Clarissa, está na hora do colégio! Clarissa, vem pra dentro! Clarissa, sai do sol! Clarissa, saí da chuva! Clarissa, vai estudar! [...] (VERÍSSIMO, 1974, p.35).

A educação, de forma geral, tolhe a liberdade absoluta. Se esta situação era possível ao protagonista de *Memórias*, Leonardo, devido a ausência da imposição de limites por parte do padrinho, nesse momento, a aluna retratada por Veríssimo, obedece às regras impostas pela educação da família e da escola. Clarissa, embora dê sinais de rebeldia, submete-se tanto à tia quanto à professora.

Da mesma forma que Clarissa, o personagem Amaro, na adolescência, vivera sensações semelhantes às vividas pela jovem, em relação à educação realizada pelos pais:

> Amaro fica olhando para fora [...].
> Uma vez, há muitos anos, um menino olhou a vida com olhos interrogadores [...] O mundo ia além [...] Dava na gente vontade de correr o mundo [...].
> _ Amaro, meu filho, que é que você quer ser?
> _ Marinheiro. Pra viajar. Ou maquinista pra viajar também.
> Mamãe sorria e continuava a bordar. Tinha uns olhos bons e um jeito todo especial de olhar para os outros.
> Papai falava grosso. Tinha bigodões retorcidos e uma enorme medalha de ouro presa à corrente do relógio.
> _ Meu filho, um homem precisa fazer força para triunfar. Só os fracos é que se abatem diante da vida.

> Papai dizia isto sempre, com a testa franzida, sacudindo a mão fechada no ar; e a medalha grande dançava contra o colete escuro.
> Lutar... Amaro sentia arrepios [...]
> [...] acampou na vila um circo de cavalinhos... Uma tarde [...] o palhaço saiu à rua [...] Atrás, um bando de moleques[...] Amaro olhava e batia palmas[...]
> _ Mamãe, me deixa ir com a gurizada?
> Mamãe franziu a testa, sacudiu a cabeça e disse:
> _ Moleque é que anda atrás de palhaço [...] (VERÍSSIMO, 1974, p.41–42–45).

Além de mostrar que a educação pode tolher a liberdade para além da capacidade do indivíduo manifestar suas idéias e ações, Veríssimo evidencia uma educação que se guia ora pela severidade do pai ora pela mansidão e o excesso de zelo da mãe. Estes parâmetros parecem justificar a forma de ser do personagem Amaro:

> [...] Sonhando, devaneando, enquanto os outros conversam, gesticulam, vivem de verdade. É por isso que não há de passar nunca de simples funcionário de banco. A música não lhe dá dinheiro [...]
> E assim vivia ele dentro do sonho, alheio ao mundo objetivo. Perdia aquilo a que os homens práticos chamam oportunidade. Cumpria o seu destino obscuro, de contemplativo.
> Mas ia ficando para trás: sem dinheiro, sem amigos, sem glória, sem nada - na sombra [...] (VERÍSSIMO, 1974, p.46).

Num momento em que o mundo respira mudanças, Amaro passa pela vida sofrendo com as contradições: "Os editores vêm sempre com a mesma desculpa: -Nós sabemos que o senhor tem talento [...], mas infelizmente o nosso público quer é samba e foxtrotes. Escreva uma marchinha para o carnaval [...]" (VERÍSSIMO, 1974, p.46)

Enquanto o bancário, nas horas vagas, dedica-se à música clássica, a sociedade de *Clarissa* quer ouvir música popular. O samba, por exemplo, que em *Memórias* ainda era um ritmo que evocava malandragem, é apresentado por Veríssimo ao lado das novidades que lentamente se misturam à nossa cultura. Por outro lado, os editores, preocupados apenas em divulgar o que o rádio e o cinema difundem como sucesso e conseqüentemente lucro para eles, não cedem espaço à música clássica.

Tanto em *Clarissa* quanto em *Música ao longe*, o espaço retratado é o da grande cidade em contraposição ao interior, revelando a inquietação artística quanto às desigualdades e os conflitos sociais.

Um exemplo desses conflitos nos é mostrado quando Amaro, no seu trabalho, diante do fervilhar da luta entre homens, máquinas e expedientes, angustia-se. Os conflitos íntimos do personagem são vistos com certa simpatia pelo narrador.

> [...] Amaro sente um mal-estar desconfortante.
> Quando terminará o conflito? Conflito com a vida, com os homens que andam pela vida a se magoarem uns aos outros, a disputar lugares aos encontrões e cotoveladas? Cada dia que passa é uma tortura que se repete. O expediente do banco, o ta -tá- tá das máquinas de escrever, os cavalheiros que discutem juros de mora, taxas, câmbios [...] as fúrias de uns para conseguirem juros mais vantajosos, e o desespero de outros por não poderem pagar os títulos vencidos, e as ameaças de protestos, e mais juros, e mais cálculos, e números, números, números, afogando, esterilizando, complicando, matando.
> Só de pensar naquelas coisas Amaro sente arrepios.
> [...] pensando ainda na ganância dos homens, no conflito da vida, começa a triturar com força as batatas fritas de Dona Eufrasina. (VERÍSSIMO, 1974, p.47).

Inquietações semelhantes afligem outros personagens: é o desemprego do tio Couto, as queixas da tia Eufrasina sobre a alta dos gêneros alimentícios, a crise do comércio sentida pelo caixeiro–viajante, Procópio Barata, as dificuldades do estancieiro, pai de Clarissa, para vender o gado. Personagens que se debatem na realização de objetivos, muitas vezes impostos e nem sempre alcançados. É assim com Amaro, que deixa sua cidade; o estudante Nestor, que nunca termina os preparatórios; Zezinho, que se obriga a fazer o curso de medicina; a formação de normalista de Clarissa, motivo de orgulho do pai; a esperança do tio Couto de que outros lhe arranjem trabalho. Entre esses objetivos, através do personagem Couto, o autor evidencia o conflito vivido pelo estudante de medicina:

> Gamaliel [...] conversa com Zezinho, que está encolhido no seu canto, muito pálido:
> _ E não se habituou ainda?
> [...].
> _ É inútil... Cada vez que tenho de assistir a uma autópsia é isto: vômitos, tonturas [...].
> [...]
> De súbito, voltando a cabeça, o major solta uma pergunta rápida:
> -Por que não abandona a Medicina?
> Zezinho entorta a cabeça juvenil. Brilham-lhe os olhos úmidos. Parece embaraçado.
> -Ora...já que comecei...Dá pena ver tanto trabalho perdido...
> Tio Couto faz um gesto largo:
> _ Deixe a Medicina, menino. Vá para a Engenharia. Nós precisamos de engenheiros, de gente que trabalhe, que nos faça estradas, pontes, represas, j'ouviu?
> [...]
> Clarissa vem chegando [...].
> [...] sorri. Tem os cabelos molhados, a pela fresca. Senta-se à mesa, olha em torno, respira com força.
> E Amaro – sem saber porque – lembra-se de certa tarde dum verão longínquo [...] A cidade rescaldava sob o olho de fogo do sol, as pedras ferviam [...] Mas [...] caiu do céu inesperadamente um

> aguaceiro grande, demorado e fresco. E num milagre o sol de novo brilhou, mais doce, sobre os jardins molhados. (VERÍSSIMO, 1974, p. 47 a 50).

Se escola e sociedade dão forma à ação educacional que vai formando os cidadãos, muitas vezes, os discursos e convicções propagados pela segunda determinam certos posicionamentos sociais. Um exemplo disso é a polêmica em relação aos cursos superiores, como já pudemos constatar. No trecho citado observamos que o tio Couto destaca o curso de Engenharia, uma proposta moderna e inovadora para a formação do jovem Zezinho, pois a industrialização, nesse momento, requer dinamicidade e precisão para desenvolver-se, portanto, esse curso, por atender às necessidades da demanda é mais propício ao momento e os discursos infundem-lhe uma posição de destaque.

Foi o curso de engenharia a saída encontrada pelo homem-professor, Paschoal Lemme, diante da constatação sentida pelos rapazes, após concluírem os estudos: ”Saíamos desse curso da Escola Normal [...] Sentíamos que ganháramos alguma coisa importante na complementação de nossa personalidade, talvez aquela qualificação em uma profissão definida, modesta, é verdade [...]” (LEMME, Memórias. In: XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. *História da Educação*; a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994 (Coleção Aprender e Ensinar). O prestígio, segundo ele, seria alcançado através do curso superior de Engenharia.

> [...] Em março de 1925 consegui, afinal [...] penetrar como aluno do primeiro ano do curso de engenharia civil [...].

> Criava assim a perspectiva de me elevar acima do magistério primário, ainda que não tivesse qualquer projeto muito claro de exercer a profissão de engenheiro.
> O objetivo no momento era mais ampliar o âmbito dos meus conhecimentos, movido por aqueles sentimentos de ascensão a uma carreira de nível superior. (LEMME, Memórias. In: XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. História da Educação; a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994 (Coleção Aprender e Ensinar).

Embora pautando-se no discurso de que a feminização do ensino primário foi uma decorrência dos baixos salários e do preconceito entre eles em relação a uma profissão cada vez mais procurada pelas mulheres, na verdade, as transformações econômicas, abrindo novas oportunidades de trabalho tanto para os homens quanto para as mulheres, propiciou a esse homem-professor novos campos de estudo e conseqüentemente novas profissões. Por sua vez, a expansão escolar com sua grande demanda por profissionais, tornou-se uma possibilidade de trabalho rapidamente agarrada pelas mulheres.

No romance, a formação de normalista de Clarissa, corresponde ao atendimento a esta demanda por professores. A professora primária que vai sendo formada pela escola juntamente com a educação que recebera dos pais, acrescida pelos cuidados da tia compõe o quadro educacional responsável por essa formação. Novamente, os pensamentos da personagem revelam-se contraditórios em relação à educação familiar.

> [...] A tia Eufrasina sempre diz que ela é uma tolinha [...] Que culpa tem de fazer perguntas bobas se ninguém lhe explica nada, ninguém lhe conta como são os segredos do mundo? Lá em casa na estância não tinha amigas para conversar. Papai vivia no campo [...] Quando

> ela [...] perguntava: - Como nascem os terneiros[7], papai? _ mamãe arregalava uns olhos deste tamanho para ela, papai franzia as sobrancelhas cerradas e ficava com a cara parecida com a daquele gigante que comia crianças. (VERISSIMO, 1974, p.53).

Ao lado dessa educação, através das lembranças de Clarissa, o autor parece mostrar a influência das literaturas românticas que, segundo a trajetória do romance, parecem incentivar a prática de uma educação romântica e conservadora.

> Quanta bobagem se dizem os namorados!" pensava Clarissa.
> [...] Por que será que na vida tudo é diferente dos romances? Nos romances há príncipes. Na vida não há. Nos romances há fadas. Na vida não há. [..] Os namorados dos romances são sempre bonitos [...] Na vida tudo é diferente. Gente feia, sem graça[...]
> [...] ela é apenas a Clarissa Albuquerque. Uma menina do sítio [...] que não tem com quem conversar [...] não tem licença de sair a passear, nem de ir ao cinema, nem de nada... Uma menina que nem pode ficar um minutinho se olhando no espelho...
> (VERÍSSIMO, 1974, p. 60- 61-62).

A impressão que se tem é de que a leitura dos romances contribui para difundir uma educação não mais condizente com a realidade. Uma realidade que os cuidados excessivos da tia impedem-na de experimentá-la e, conseqüentemente, crescer com essas experiências. Todo essa maneira de ser reflete-se na formação de Clarissa, mas, apesar dos esforços da tia, referenciais diversos encontram brechas e, atingindo-a, permitem-lhe confundir-se diante de outros comportamentos.

> A porta do quarto se abre de repente.

[7] Terneiros: vitelo, bezerro, a forma terneiro é de influência castelhana.

> [...]
> É Dudu, muito loura, dentro de um vestido berrante.
> [...]
> Clarissa mostra o livro [...]
> Dudu olha o título. Faz um gesto depreciativo;
> - A que morreu de amor. Conheço essa droga. [...] Pura besteira...
> [...]Dudu que tem liberdade, sapatos de salto alto, vestidos bonitos, namorados...
> Dudu que vai ao cinema e aos bailes quando quer...
> [...]
> Clarissa se volta. Dona Eufrasina lhe surge pela frente, mãos na cintura, cara fechada:
> - Eu ainda acabo com essas amizades. Um dia bato com a porta na cara dessa desfrutável. (VERÍSSIMO, 1974, p.102 – 105)

Se em *Memórias,* Manuel Antonio de Almeida contrapõe a personagem da mulatinha Vidinha, moça alegre e insinuante, à tímida personagem Luisinha; Veríssimo, por sua vez, contrapõe a personagem Dudu, jovem educada com mais liberdade, à personagem Clarissa, a qual se sente prisioneira sob os cuidados da tia.

O personagem Amaro, que parece ter passado por uma educação familiar semelhante à vivida por Clarissa, pois ele também deixara sua cidade do interior, confuso entre os conselhos do pai que evocavam força e os conselhos da mãe que pediam obediência, tornara-se um homem passivo e imóvel diante da vida. Pautando-se na visão que tem de si mesmo e na formação que Clarissa está recebendo, ele tece, em seus pensamentos, um futuro semelhante para a jovem normalista:

> Professora, irá para sua cidade natal, onde decerto casará com um filho de um fazendeiro rico. Serão muito felizes, terão muitos

> pimpolhos gordos. Clarissa ganhará fartas carnes, ficará como a tia, será uma esplêndida dona de casa [...].
> [...] Agora ela é poesia, ingenuidade, ternura, incompreensão, encantamento... Para ela a vida está cheia de surpresas e de atrações irresistíveis [...] Amanhã? A dissolução, a deformidade do corpo e do espírito [...] (VERÍSSIMO, 1974, p.111).

Destacar os pensamentos de Amaro em relação ao futuro profissional da jovem é importante para nós, porque, em *Música ao longe*, observaremos o comportamento de Clarissa como professora em Jacarecanga e poderemos constatar que, interagindo com essa sociedade, ela poderá ter um futuro diverso daquele preconizado pelo músico.

Mesmo fechando-se para o mundo e prevendo um universo pequeno para a jovem, tanto Amaro quanto Clarissa presenciam os discursos dos moradores da pensão. Estes, deparando-se com as contradições inerentes às transformações político-econômicas que vão pelo mundo e que, atingindo o país, chegam à sociedade retratada em *Clarissa,* reagem preocupados.

> Amaro surge ao portão[...]encolhido, encurvado, manso, os olhos baixos
> [...]
> O major, curioso, pergunta:
> _ Que livro é esse, seu Levinsky?
> O judeu se detém e mostra o livro. A Doutrina de Marx [...] Tio Couto [...] provoca:
> _Não acredito que a doutrina de Marx possa salvar a economia do mundo.
> O judeu se transfigura:
> _ Esta é a Bíblia do homem moderno, só o comunismo poderá salvar o mundo. [...].
> O tio Couto evoca a Rússia:
> _ Stálin, esse monstro sanguinário...
> [...].
> Levinsky, com o livro numa das mãos e o chapéu na outra explica:

> _ Temos aqui vários erros do nosso regime...Aqui ao lado [...] mora uma pobre viúva que trabalha todo dia e toda à noite e que não tem dinheiro nem para comprar leite para o filho doente...
> [...] ali naquele palacete, mora um homem rico, que tem dinheiro no banco, que tem muitos filhos que andam bem vestidos e bebem bastante leite [...] Isto é justo?
> _É, sim senhor – afirma o tio Couto com firmeza. _ O mundo é assim mesmo. Cristo já disse que os pobres sempre os haverá.
> [...]
> Clarissa está deliciada. O amolador pedala furiosamente[...]
> (VERÍSSIMO, 1974, p. 133 – 134- 135)

Dessa forma o autor evidencia as tendências políticas que assustam a sociedade brasileira. Enquanto o país luta para consolidar-se na ordem capitalista, as contradições a ela inerentes incentivam outras posições, como as que aparecem nos discursos dos personagens. Neles manifestam-se a idéia de injustiça e de predestinação cristã.

> Uma velha, piscando o olho e apontando para o crucifixo com o lábio inferior esticado, murmura pra a vizinha:
> Velório de gente rica [...].
> [...].
> _ Quem será que paga? [...].
> [...] E um senhor [...] explica:
> _ Não vê que o moço chegou há pouco do Rio, onde estava estudando. Foi ele que atendeu o menino. Fez o que pôde [...] O Tonico morreu e o doutor ficou com pena da miséria... É rico resolveu fazer todas as despesas...
> [...].
> "Ah", pensa Clarissa, "se o Tonico pudesse ver quem vai segurando uma alça do caixão dele ficava até contente". (VERÍSSIMO, 1974, p.193- 194- 195).

Através desse acontecimento, o autor parece mostrar que as contradições, além se serem inerentes à ordem capitalista, não devem ser vistas como desumanizadoras de todas as pessoas, nem daquelas que são atingidas pela

pobreza, nem daquelas que alcançaram riqueza, pois ambas são capazes de atos solidários.

A sociedade que compõe *Clarissa* oferece, a homens e mulheres, diversas oportunidades de trabalho. São locutores de rádio, motoristas, bancários, cozinheiras, empregadas domésticas, professoras, guardas civis, vendedores de jornais, garçons, funcionários da alfândega, farmacêuticos, esportistas, ferroviários, advogados, engenheiros, médicos, muitos dos quais compõem a burguesia retratada por Veríssimo. O homem-professor, embora não seja retratado atuando em sala de aula, atua como professor de canto:

> [...] surge na porta, ar tímido, todo encolhido, óculos acavalados no nariz recurvo, bigodinho caído dando um ar de desânimo e desleixo ao rosto emaciado – o seu Licurgo [...].
> [...] Feio – é verdade – mas remediado, professor de canto e solfejo [...] (VERÍSSIMO, 1974, p. 204).

Novamente nos é mostrado um professor fraco, medroso, de aparência desalentadora e financeiramente remediado. Na verdade, a imagem do homem-professor ganha força e coragem quando é retratado em postos mais elevados dentro do quadro do magistério, como a que se apresenta nas recordações de Clarissa:

> [...] Os exames... Hora de angústia, rostos pálidos, olhos fulgurantes. Em cima da mesa da professora, um vaso de flores. Na hora do exame oral de aritmética, diante da pedra, ela tremia, suava frio [...] A voz grossa do examinador: "Se vinte operários trabalhando oito horas por dia..." [...] No exame de História tudo foi fácil [...] tudo bem decoradinho, graças a Deus. Na geometria [...] a coisa mais fácil do mundo. A professora compareceu de vestido novo e ficou muito orgulhosa porque só houve duas reprovações [...] no último dia do

> exame a classe cantou o Hino Nacional. (VERÍSSIMO, 1974, p. 221) (grifo nosso)

Diante destas recordações, o autor mostra o sofrimento pelo qual passavam as alunas e evidencia o papel desempenhado pela professora responsável pela formação Clarissa, numa época em que a decisão pela aprovação ou reprovação dos alunos, ainda ocorre sob a presença do examinador. A professora, diante do evento, esmera-se em comparecer pronta para também comemorar, de certa forma, a sua própria aprovação através do sucesso das alunas. A professora, nesse momento, tal qual os trabalhadores da indústria, trabalha na educação das suas alunas, sendo, ela própria, uma operária a serviço da escola.

A mulher–professora, nesse momento, está no centro dos discursos que subjetivamente transmitem a idéia que ela, enquanto professora, comporta todos os requisitos necessários ao bom termo dos objetivos escolares. Devotada ao trabalho, mantenedora da ordem, submissa, mesmo vivendo num mundo onde a competitividade, o egoísmo e os interesses particulares intensificam-se, ela incorpora a imagem de mãe que a sociedade nela acentua com o passar do tempo. Essa imagem passa a ser responsável pelo bom desempenho da escola.

A escola, a partir de 1930, passa a ser um direito e um dever, e seu sistema de educação vai sendo construído para atender às necessidades político-econômicas. Vive-se, com o Manifesto dos Educadores, a eclosão do ideal da educação democrática. Priorizando uma escola democrática, laica, presente em

todos os lugares, o Manifesto apresenta um conjunto de princípios que, em sua totalidade, mostram-se inexeqüíveis pelo Estado, mas este, pouco a pouco, incorpora aqueles que considera essenciais.

Entretanto, mesmo que posteriormente, a história revele a distância entre o discurso e a prática, o Manifesto não só é o documento mais atual na época em termos de política educacional, como também traz a público os temas centrais da discussão naquele momento: a reconstrução nacional, a questão do imigrante, o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural e a necessidade de se formar um cidadão a serviço da sociedade. Esta tarefa, principalmente no ensino da 1ª à 4ª série, é desempenhada pela professora primária sob a inspeção de um homem–professor que, num cargo considerado superior, fiscaliza professoras e alunos.

Esta fiscalização pode ser percebida através das lembranças de Clarissa:

> Sim ela cantava retumbantemente. Papai e mamãe ficariam orgulhosos de seu exame: o ano não fora perdido. Minha filha está se instruindo – dizia sempre o papai para os amigos e conhecidos.
> [...].
> Os olhos da professora brilhavam de contentamento. Ela estava perfilada como um soldado e abria muito a boca para cantar.
> Quando chegaram no (Ó Pátria amada, idolatrada, salve, salve!) a professora se adiantou demais e sua voz esganiçada se elevou sobre as outras. O inspetor enviesou os olhos para ela e sorriu amarelo [...] o inspetor ficou entusiasmado com o "ardor patriótico" das alunas e pediu-lhes que cantassem o Hino à República. Houve um zunzum de descontentamento na sala [...], mas a professora bateu com a régua sobre a mesa e exigiu silêncio [...].
> No estribilho a professora ao cantar: (Liberdade!) – esticava o pescoço, levantava a cabeça para o alto e fazia uma cara de quem estava gritando: Socorro! Socorro! (VERÍSSIMO, 1974, p. 222 – 223)

O autor parece utilizar-se das lembranças da personagem para mostrar o quanto este conservadorismo, presente na prática escolar, tolhe a liberdade e a criatividade tanto das alunas quanto da professora. Num momento em que as transformações criam necessidades que, para serem atendidas, levam os educadores a idealizarem uma educação inovadora, diante do que lhe é imposto, a professora parece clamar por mudanças.

Desta forma, o romance chega ao final, mostrando que o desenvolvimento urbano acolhe uma crescente burguesia. Para esta sociedade, em virtude das transformações econômicas que intensificam a industrialização, a escolarização torna-se uma exigência para o ingresso no mercado de trabalho.

Os postos de trabalho que surgem, devido à expansão escolar, passam a ser vistos pela mulher como uma outra oportunidade de trabalho. Da mesma forma que a indústria, no final do século XIX, requisitara o trabalho feminino, a escola tira a mulher de casa, permitindo-lhe com essa profissão auxiliar no sustento da família.

As escolas normais passam a abrigar um número cada vez maior de alunas e juntamente com as demais instituições, realiza a formação dessas professoras.

O processo econômico, que determina o movimento das profissões, nesse momento suprime algumas, como o acendedor de combustores, o cocheiro, a intensa atividade dos alfaiates, das costureiras e dos sapateiros, e cria outras,

ligadas ao setor financeiro, à engenharia, ao serviço público e às atividades técnicas.

Nesse processo, do qual faz parte o magistério, os homens-professores deixam a atividade em sala de aula e passam a ocupar, dentro desse próprio campo de trabalho, os novos cargos que surgem.

Os discursos sociais que acompanham esse processo submetem ao seu crivo as novas profissões e, posicionando-as dentro de uma escala de valorização social, destaca algumas enquanto outras são rebaixadas.

O homem-professor, influenciado por discursos que assinalam os baixos salários e o preconceito em relação a uma profissão que está se tornando essencialmente feminina, justifica a sua ausência das salas de aula, principalmente, nas séries iniciais do ensino. Por sua vez, as professoras assumem a frente deste ensino, incentivadas pela oportunidade de um outro trabalho fora de casa e pelos discursos que propagam serem elas as detentoras das qualidades necessárias para realizar a educação dos cidadãos necessários à sociedade nesse momento.

Desta forma, o processo social, retratado nos romances, confere à mulher-professora, presente em sala de aula, força e poder, enquanto fragilidade e mansidão caracterizam o homem-professor. Este, porém, ao ocupar cargos imediatamente superiores ao de professor, ganha destaque e submete às suas ordens tanto alunos quanto professoras.

O movimento social dessa época, de forma semelhante ao da sociedade escravocrata, que determinara a atividade do mestre-escola para realizar a instrução de alguns meninos, produz tanto o profissional que vai atuar em sala de aula quanto o conteúdo a ser ensinado. Assim, à medida que constrói as características que vão identificar os indivíduos desse tempo, a sociedade apresenta, principalmente no ensino das séries iniciais, um corpo docente constituído, em sua maioria, por professoras.

Através do caminho que seguiremos agora, em *Música ao longe,* vamos encontrar a representação de uma dessas professoras. Clarissa, juntamente com as demais, faz parte do corpo docente responsável pelo ensino primário na escola de Jarecanga.

CAPÍTULO III

3. MULHERES COMO PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

3.1 *MÚSICA AO LONGE*: AS ANGÚSTIAS DE CLARISSA

Através de *Música ao longe,* Veríssimo dá continuidade à trajetória de Clarissa trazendo a público a professora que a sociedade retratada em *Clarissa* formou. Deparamo-nos, agora com Clarissa atuando em sala de aula, convivendo com outras professoras, angustiando-se com a falência financeira da família, participando da vida em sociedade. Os sentimentos, pensamentos, registrados em seu diário mostram a influência que as pessoas à sua volta, a sociedade com a qual convive, as leituras que realiza, exercem sobre ela. Entretanto, o contato com o primo Vasco, o propulsor dos seus conflitos, é o responsável pelo surpreendente crescimento intelectual da jovem professora ao longo do romance.

> Clarissa risca com giz o quadro-negro a paisagem que os alunos devem copiar. Uma casinha de porta e janela, em cima duma coxilha. Um coqueiro do lado (onde o nosso amor nasceu) – pensa ela [...] Depois, uma estradinha que corre [...] Nuvens de giz do céu preto, em sol redondo e gordo chispando raios, árvores, uma lagoa com marrecos nadando... (VERÍSSIMO, 1982, p. 1)

Logo no início, a jovem professora revela seu romantismo, através do desenho de uma paisagem semelhante ao lugar onde vivem Clarissa e seus alunos, um

panorama perfeito, cuja imobilidade detém quaisquer problemas. Entretanto, sua sala de aula é cheia de vida.

> [...] O zunzum das conversas abafadas aumenta e diminui [...] Estrala um banco. Explode uma risadinha.
> _ Quietos! – exclama a professora [...]
> [...] Ergue-se um dedinho acima das cabeças.
> _ Professora!
> [...]
> _ Psiu! Silêncio! _ Põe mais açúcar na voz _ Meu filho [...]
> _ Por que é que não pode, ´fessora!
> Outra mão se levanta.
> _ Que é Leontina?
> [...]
> _ Diga o que falta, Terêncio.
> _ As mamicas!
> Gargalhadas, algazarra. Clarissa cora. (VERÍSSIMO, 1982, p.1– 2).

O decorrer da aula de Clarissa mostra-nos uma sala de aula agradável, a relação entre a professora e seus alunos, meninos e meninas, permite que estes, participando das aulas, possam manifestar suas opiniões e trocar experiências. Estas características revelam que a implantação de alguns princípios do Manifesto dos Educadores, oferece, nesse momento, em termos de convivência entre alunos e professora, um ambiente escolar menos opressor do que aquele visto em *Clarissa.*

> [...] Vem de outras aulas o som de vozes destacadas: professores gritam...[...].
> [...] Já se vai habituando aos pequenos, agora.
> [...] Agora ela está senhora da situação. (Nem sempre claro...) {...] já lhes quer bem, como se eles lhe pertencessem, fossem seus irmãos, seus filhos... (VERÍSSIMO, 1982, p.2- 3).

O romance segue, mostrando ser Clarissa uma professora diferente das demais. Sem impor-se agressivamente, Clarissa consegue manter a disciplina, embora esteja presente em seu relacionamento com os alunos, o comportamento maternal que acompanhou a feminização do corpo docente no momento da democratização do ensino.

Ao término das aulas, quando as crianças saem, Clarissa pensa no colégio:

> [...] _ é como um dragão enorme que vomita pela boca da porta central a criançada que sai a correr aos gritos, numa festa de roupas coloridas. Bem como os bichos dos contos de fadas...
> o dragão de cimento, com os vinte olhos das janelas, mora no alto duma coxilha. (VERÍSSIMO, 1982, p.3)

Ainda nesse momento, já formada e dando aulas, Clarissa parece colocar-se junto a seus alunos. Semelhante a eles, ela era uma aluna curiosa que gostava da liberdade para poder observar tudo à sua volta. Agora, professora, continua vendo a escola como um universo aprisionador. No entanto, as atitudes de Clarissa mostram-na atenta, observadora e preocupada com os seus alunos. Características que não encontramos em Dolores, sua colega de trabalho:

> Dolores, os óculos escarranchados no narigão lustroso e vermelho, queixa-se de seus alunos. Uns mal-educados, badernistas e desinquietos [...]
> Tem uma voz que dá a impressão de marteladas compassadas e enérgicas. Fala com um ar sobranceiro de quem está sempre em aula. E anda eternamente com as meias enrugadas (meias de lã, pernas finas, sapatos cambaios) [...] apesar de tudo Clarissa gosta dela[...] solta a língua e pouco se lhe dá que os outros ouçam ou respondam...

> _ O programa é uma loucura. O ano é curto pra tanta matéria. _ As palavras martelam no ar pregos invisíveis. _ Quero só ver! (VERÍSSIMO, 1982, p. 4)

A descrição de Dolores revela-a uma professora enrijecida pelo passar dos anos diante das contradições e frustrações que enfrenta, seja na vida profissional ou pessoal, tornando-a autoritária e agressiva, até consigo mesma. À medida que estas atitudes solidificam-se, ela vai perdendo a capacidade de refletir, ao contrário da característica tão presente em Clarissa.

> Ambrósia serve o almoço [...].
> Papai está sentado no lugar de costume [...].
> _ Ainda hoje andei às voltas com o banco, _ diz João de Deus. _ Estou criando cabelos brancos por causa daquelas promissórias...
> D. Clemência solta um suspiro. A cara de João de Deus ensombrece. E Clarissa sente que vão cair no assunto que as mulheres temem: negócios. Papai perdeu a estância, com gado e tudo [...] só lhe resta aquele casarão, onde já não há mais alegria [...] Não haverá nada mais importante que dinheiro? Clarissa, angustiada, fez a si mesma esta pergunta. (VERÍSSIMO, 1982, p. 5 – 6).

A educação romântica e conservadora que acompanhara a jovem ao longo do romance *Clarissa*, tem suas raízes no seio desta família que vive a angústia da perda de seus bens. Entretanto, mesmo diante deste assunto, temido pelas mulheres da casa, pois todos os negócios dependiam das ações do pai de Clarissa, a professora pensa e preocupa-se com a situação financeira da família. Uma família que possuíra riqueza e prestígio:

> Clarissa entra na sala de visitas.
> Ali no canto está o retrato grande do bisavô [...] fardado de general do exército (herói do Paraguai) [...].

> [...] Papai conta histórias do general, um homem muito austero, benfeitor dos pobres, amigo de seus escravos. Fazia sonetos, não levava desaforo para casa, tocava violão, conheceu o Imperador [...] a mobília antiga, de palhinha [...] o jarrão pintado [...] a mesinha de centro redonda [...] Papai diz sempre: "Nesta sala já esteve D.Pedro II". Mas apesar da grande honra, Bonifácio, o gato da casa, não respeita [...].
> Clarissa fica olhando fixamente para o chão [...].
> _ Nicolina! – grita. _ Venha ver o que Bonifácio fez [...] (VERÍSSIMO, 1982, p. 8 –9).

A descrição da sala, as lembranças de Clarissa são os meios utilizados pelo autor para criticar toda esta tradição construída sobre os grandes feitos e seus autores, os quais, descolados da história, passam a ser considerados heróis. Mesmo num tempo em que a família de Clarissa está às portas da falência, luta para manter uma situação que não pode mais sustentar.Este universo e as relações dele decorrentes, juntamente com a experiência de viver em Porto Alegre e cursar a escola secundária, moldaram a normalista e continuam atuando agora sobre a professora.

Através das anotações do seu diário, Clarissa revela a rotina desta casa e um pouco dos seus moradores:

> Ontem à noite fiquei fazendo sala para os noivos. Tia Cleonice e seu Pio. Quando eu tinha quatro anos seu Pio tratou casamento [...] para dali um ano. Hoje tenho dezesseis [...].
> [...] Seu Pio hoje me chama de "dona" Clarissa [...] Enquanto eles conversam, eu corrijo os cadernos dos alunos ou então leio um romance [...] Seu Pio e tia Cleonice brigam muito [...].
> [...] Seu Pio é empregado da Xarqueada S. Miguel e diz que só casa quando lhe derem um aumento de ordenado. (VERÍSSIMO, 1982, p. 9–10)

Dois fatos novos juntam-se a mais de uma década de rotina, o trabalho da escola que Clarissa leva para fazer em casa e a crise financeira que atinge vários setores e que Veríssimo, em *Música ao longe,* retratando a década de 30, mostra numa cidade do interior. Uma cidade que vem se alargando à medida que diminui o número de estâncias. As lembranças de Clarissa trazem, para o seu diário, os amigos da infância:

> Gustavo era muito desconfiado. Se nós dizíamos qualquer palavrinha em voz baixa, ele se virava bravo: "Estão falando do meu pé, severgonhos!" Um dia a Conca soltou esta na cara dele: "Teu pai é um gringo!" Gustavo [...] olhos fuzilando [...] disse, gago de raiva: "Nega suja!" Cuspiu nela e saiu manqueando na direção da padaria.
> Vasco era o coisa-ruim do grupo [...] Um dia desapareceu de casa [...] toda a gente em Jacarecanga se movimentou [...] como Vasco não tem pai vivo, papai achou que devia passar um sermão nele. Vasco respondeu mal, disse que tinha raiva de todos e que queria ser Tarzan [...]
> Depois disso botamos nele o apelido de Gato-do-Mato [...]
> [...] Agora ele anda por aí, está com vinte e um anos, continua do mesmo jeito. Tio Jovino disse que ele é o "boi-corneta" da família [...] Vasco já tem todos os preparatórios. Queriam que ele fosse estudar Direito ou Medicina em Porto Alegre. Mas o Gato-do-Mato bateu o pé e disse que já havia doutores demais no mundo[...] não pára nos empregos e vive sozinho [...]
> O Gustavo também hoje está diferente. Toma conta do escritório da padaria do pai [...] (VERÍSSIMO, 1982, p. 11 –12)

Clarissa cresceu e foi sendo educada por esta família conservadora que valorizava as marcas de um falso prestígio, cercada pelos colegas e por preconceitos presentes nesse universo, desde que o seu processo econômico e social pautado, primeiro pelo trabalho dos negros e posteriormente pela mão-de-obra dos imigrantes, encarregou-se de propagá-los.

Através do personagem Vasco, o autor parece mostrar uma personalidade que, talvez pela própria condição de orfandade, foge aos padrões daquela família. Por ter vontade própria ele sofre discriminações, mas luta para manter sua liberdade de pensamento. Uma luta ferrenha que muitos não conseguem empreender, aliás, no caso da família retratada no romance, manter-se sob as ordens do pai era um procedimento natural.

> Noite de setembro de 1910.
> O velho Olivério Albuquerque entra na sala de jantar [...] faz um esforço enorme para manter postura rígida.
> Os filhos, _ João de Deus, Jovino, Amâncio e Cristóvão – Levantam-se para pedir-lhe a bênção.
> [...].
> _ Mana Zezé, mande trazer o chá.
> D. Zezé toca a sineta [...] A negra Ambrósia entra, trazendo uma bandeja com o serviço de chá [...].
> [...] o velho olha para Cristóvão e sorri.
> É o filho mais moço [...].
> _ Meu filho, como vão as modinhas?
> [...].
> _ Não são modinhas papai, são sonetos.
> _ Quem havia de dizer! Um poeta na família.
> Outros sorriem. Cristóvão baixa os olhos, enleado [...]
> [...] Se Henriqueta pudesse ver os filhos criados.
> "[...] são homens de bem. João de Deus vai casar. O Jovino está estudando comércio. O Amâncio vai tomar conta da estância. O Cristóvão, imagina, até já faz versos..." (VERÍSSIMO, 1982, p.14–15)

Nesta família, os filhos já tinham o caminho traçado. Através do personagem Cristóvão, o autor parece mostrar como era constrangedor, naquela época, transgredir o estabelecido, principalmente se a transgressão consistisse em ser poeta, atividade que exige sensibilidade e emoção. Um poeta dentro de uma família na qual o chefe, descendente de um bravo e destemido general, cultua esta lembrança de poder, força e vitória, não pode ser visto sem um certo

estranhamento. As lembranças prosseguem revelando a história da família de Clarissa. Família que a educou e continua tendo domínio sobre ela e, conseqüentemente, influenciando seu desempenho em sala de aula.

> Tarde de verão de 1911.
> Vittorio Gamba, o italiano que tem uma pequena padaria na casa fronteira, bate à porta [...] e diz que quer falar "co'o padrone".
> [...]
> _ me conte direito o que aconteceu, seu Gamba!
> Cós diabos! – e Olivério dá à voz um tom de zanga que realmente não sente. _ Não chore, um homem nunca chora.
> [...]
> _De quanto é essa letra, homem?
> _Trê conto de reis.
> [...]
> _ Seu Vittorio, com oito contos o senhor pode arrumar de novo sua vida?
> O italiano levanta-se bruscamente. Oito contos? Mas oito contos significa a salvação completa, uma promessa de prosperidade [...]
> Pois vá sossegado. Amanhã de manhã le mando os oito contos. Pague quando puder. Se não puder não pague. Não brigamos. Graças a Deus ainda estou em condições de ajudar os amigos... (VERÍSSIMO, 1982, p.16-17)

A citação a seguir parece mostrar que os autores estão falando da mesma pessoa. No caso, o amigo que o velho Olivério ajudara: "Quase todos os industriais imigrantes apareceram antes da Primeira Guerra Mundial – Matarazzo, Gamba, Crespi [...] e levaram anos até decênios [...] antes de se aventurarem à industria".(DEAN, 1997. In: FAUSTO, 1997, p. 270)

Nessa época o fazendeiro podia ajudar o imigrante a recuperar-se, embora parecesse uma atitude excessivamente generosa. Segundo DEAN, para os fazendeiros “As fábricas proporcionavam [...] mercados para mercadorias que não

eram geralmente muito competitivas no mercado mundial – algodão, açúcar e couros [...]" (DEAN, 1997. In: FAUSTO, 1997, p.275)

Desta forma, o avô de Clarissa, sentia-se confortável dentro daquele processo econômico para dispor do seu capital. Além disso, havia toda a idéia de poder e dominação que acompanhavam um homem de tradição, filho de "general da guerra do Paraguai".

Se tanta dominação e força concentraram-se num só homem, se apenas ele detinha o poder de decisão, é porque as pessoas dentro daquele contexto familiar se permitiram estar enfraquecidas, sufocadas e impermeáveis a mudanças.

No romance, este comportamento pôde ser visto diante do suicídio do irmão mais jovem, um ato incompreensível aos olhos do pai:

> De repente o rosto do velho Albuquerque assume uma expressão dura e ele diz com voz firme:
> _ Um homem não deve nunca fazer uma coisa dessas. Mas depois o desânimo [...] toma conta dele. Porque interiormente uma voz que é a sua própria lhe diz: "Um homem não deve falsificar uma firma, nem a do próprio pai!".
> [...], mas por que foi que o rapaz fez essa loucura? Porque não me pediu dinheiro? Que valem dez contos?/ Mais do que isto eu tenho gasto ajudando os outros... (VERÍSSIMO, 1982, p.19)

A Clarissa de hoje que se angustia, que reflete sobre os problemas, é também conseqüência da trajetória seguida pelo pai, das atitudes por ele tomadas diante

da vida e da educação que lhe transmite. Um pai que, segundo o narrador, seguindo a linha do tempo, revelara-se orgulhoso com o nascimento da filha:

> Dezembro de 1918.
> A velha sala de jantar ilumina-se para uma festa. As velas agora deram lugar às lâmpadas elétricas.
> João de Deus e a mulher acabam de batizar a primeira filha [...]
> A sala está animada de conversas [...]
> [...] João de Deus entra, triunfante, trazendo a filha [...] Todos o cercam para ver o bebê.
> A um canto, todo apertado num colarinho duro, os calos doendo das botinas novas, Vittorio Gamba descreve para um conhecido os melhoramentos de sua padaria. (VERÍSSIMO, 1982, p.21)

A realidade identifica-se, nesse momento, com a ficção, o mundo está passando pela convulsão da Primeira Guerra Mundial, no Brasil a retração das importações, estimulam a indústria, principalmente os ramos têxtil, alimentação, bebidas e vestuário. No sul, segundo Boris FAUSTO (1998):

> A instalação de frigoríficos representou uma transformação nos processos precários de conservação de carne e possibilitou sua "estocagem" [...] empresas norte-americanas estabeleceram-se [...] uma tentativa de manter um frigorífico por parte dos criadores fracassou [...] Todas essas iniciativas ocorreram no quadro de uma relativa decadência da pecuária, do charque e principalmente dos couros [...] (FAUSTO, 1998, p. 290)

Se esta é a situação vivida pelos estancieiros, no romance, ela ainda não é percebida por João de Deus. Em relação ao vizinho, Vittorio Gamba, parece estar ocorrendo situação semelhante à vivida pela crescente urbanização que, na realidade, inova-se com a burguesia industrial. Segundo DEAN: “[...] a diferenciação social passou a basear-se, sobretudo em relações de classes,

segundo os imigrantes realizavam sua integração com a elite ou com a classe obreira nativa".(DEAN,1997. In; FAUSTO, 1997, p.271)

O imigrante, em *Música ao longe*, parece desperto e ativo em relação às mudanças econômicas que estão ocorrendo, enquanto João de Deus, sem compreender nem onde nem quando perdera o controle da situação, vive, junto à família, sua decadência.

> A sala passa a viver o presente [...]
> Clarissa entra de mansinho com um livro debaixo do braço e vai beijar a mão do padrinho (Jovino):
> [...] por mais que se esforce não consegue querer bem de verdade a esse titio pesadão que tresanda a álcool [...]
> [...]
> De olhos baixos, Amâncio brinca com uma caixa de fósforos [...]
> Clarissa um dia, ouviu dizerem:"Lá vai o Amâncio Albuquerque, um bom rapaz, mas perdido com a cocaína [...]
> E ela sente que todos em casa sabem do vício [...] mas não dizem nada.
> [...]
> Tia Zezé e D. Clemência conversam sobre bordados[...]
> _ Amanhã se vence a hipoteca da casa.
> Clarissa arregala os olhos. Lá vem conversa de dinheiro... (VERÍSSIMO, 1982, p.23)

Embora a presença de Clarissa e a sua convivência em família passem quase despercebidas, a jovem professora, mostrando-se atenta, percebe os deslizes da família, absorve todos os problemas e preocupa-se. Uma reação que as demais mulheres daquela casa escondem através de bordados e tricôs. Os pensamentos do pai trazem de volta as lembranças de um tempo cujo brilho ficou no passado:

> [...] Ali na frente está a Panificadora Italiana, de Gamba & Filho. Ontem era uma casinhola de porta e janela, com um letreiro torto e errado: "Padaria Nápole". Hoje é uma fábrica...
> João de Deus olha e recorda... Quando Vittorio Gamba chegou da Itália [...] os Albuquerques eram donos de quase todas as casas do quarteirão. Em Jacarecanga se dizia: "Vou para os lados dos Albuquerques":"Vim das bandas dos Albuquerques" [...] O tempo passou. Os negócios pioraram. A herança não era o que se esperava [...] os herdeiros foram hipotecando as casas [...] as propriedades iam passando para as mãos dos Gambas que prosperaram [...] (VERÍSSIMO, 1982, p. 23- 24)

Os papéis inverteram-se, o pai de Clarissa vive uma situação semelhante à do imigrante italiano quando este pedira ajuda ao velho Olivério Albuquerque, mas consciente e vivendo as transformações econômicas, os empréstimos, cedidos, nesse momento, pelo imigrante, ocorrem dentro dos trâmites legais e não de forma paternalista como se deram na época do italiano. Os pensamentos de João de Deus prosseguem:

> _ Gringos porcos!
> Uma raiva surda referve no peito de João de Deus. Porque ele é um Albuquerque e os Albuquerques existiam muito antes do Rio Grande, muito antes do Brasil.Tinham nome em Portugal [...] Em Jacarecanga o nome Albuquerque é uma tradição. Não há ninguém num raio de cinqüenta léguas que não conheça e venere Olivério Albuquerque.
> No entanto agora estão aqui os descendentes a caminho da pobreza, inertes, sem esperança, dependendo da tolerância dum imigrante que mal sabe assinar o nome. (VERÍSSIMO, 1982, p. 24)

Semelhante à imobilidade de Amaro, personagem de *Clarissa*, frente à vida, é a imobilidade da família de Clarissa, a qual tentando manter a tradição e as convicções em torno dela construídas, assume uma inadequada posição econômica e é atingida pelos reveses do capital. Por sua vez, o imigrante, mesmo

intelectualmente inferior, na visão de João de Deus, mostra-se atento aos seus negócios.

Sem manifestar-se diante dos problemas e demonstrando que suas atitudes decorrem do convívio familiar, Clarissa refugia-se nas suas leituras:

> Clarissa lê Paulo Madrigal, seu poeta favorito _ Deve ser pseudônimo _ pensa ela. O nome é bonito demais para ser verdadeiro.
> [...]
> A porta da varanda se abre de repente e Vasco aparece [...]
> [...] João de Deus precisa descarregar em alguém a raiva que lhe deu o pensar no progresso dos Gambas:
> [...]
> _Não foi trabalhar hoje. Recebi uma queixa da firma...
> [...]
> Vasco sorri [...] olha firme para o homem que o repreende.
> _ Trabalhar? Mas eu não faço mais que imitar você [...] Toda a turma é francamente da folga...
> [...]
> No seu canto Clarissa está tomada dum tremor de medo. Por que é que Vasco é assim? Por que é que vive provocando os mais velhos? Sempre rebelde, desde guri. Que bom se Vasco fosse ajuizado... (VERÍSSIMO, 1982, p. 24-25-26)

Através do personagem Vasco, o autor introduz o contraponto em relação à educação e às atitudes de Clarissa. O que Clarissa vê como falta de juízo, na verdade, falta de submissão, é a imagem da negação do comportamento determinado por aquela família, construído ao longo de uma educação conservadora. Diante do novo, João de Deus crava as garras no antigo:

> Na sala só ficam D. Clemência, o marido e a filha.
> [...]
> _ Hoje a mocidade não respeita mais a velhice e a tradição. Que vai ser do mundo? Tudo mudou. Clarissa!
> Até que enfim se lembram que estou viva!
> _ Que é, papai?
> _ Como se chamava aquele grande escritor que disse – os moços não podem compreender os velhos e os velhos não querem compreender os moços?
> [...]
> _ Não me lembro, papai...
> _ [...] esse escritor, seja quem for, está enganado. Os moços podem, mas, não querem compreender. A mocidade de hoje está perdida. [...] Não gosto de modernismo. Filha minha não anda com essas sirigaitas modernas. Ouvistes?
> [...]
> Clarissa, sentida, baixa os olhos para o livro. O seu poeta diz:
> No fundo de todas as coisas só existe esta verdade triste: Nós vivemos em solidão. (VERÍSSIMO, 1982, p. 27–28)

Repetindo um procedimento semelhante ao de tia Eufrasina, em *Clarissa*, que resguardava a sobrinha do contato com as amigas que julgava desfrutáveis, Clarissa torna-se alvo de João de Deus. Ela é jovem e sentindo-se derrotado pelo novo, o pai distorce conceitos e utilizando-os segundo o seu ponto de vista, espera atingi-la, acreditando manter vivas suas idéias e tradições. Clarissa, por sua vez, encontra, nos versos do poeta, eco para o seu próprio sentimento de solidão. Os problemas enfrentados delineiam uma Clarissa diferente:

> Na frente do espelho redondo do penteador um pensamento triste lhe entra na cabeça e lhe escurece o rosto.
> Estou ficando feia. Antigamente andava sempre sorrindo. Agora não. Cara amarrada, rugas na testa, mais magra. Professora Clarissa. Sim senhora!
> [...] Apanha o livro querido [...]
> [...] Clarissa quisera conversar com o seu poeta [...]
> E então Paulo Madrigal lhe tomaria a mão e lhe diria bem no ouvido um poema que seria a história triste da jovem Clarissa, que vivia

> prisioneira num castelo antigo. Um dia veio um cavaleiro romântico que a levou para outras terras e para uma vida melhor.
> Clarissa baixa a cabeça e fica sorrindo para seus pensamentos. Ainda não pôde vencer esse hábito de ficar pensando, imaginando, investigando romances. Na escola às vezes se esquece dos alunos em meio da lição. Quando cai em si, a gritaria está formada. A diretora até já a repreendeu... (VERÍSSIMO, 1982, p.29-30-31)

À medida que Clarissa se envolve com os problemas da família, assume uma postura que diverge do esperado por ela, como se a formação de professora pudesse isentá-la das inquietações. Diante das dificuldades, a jovem refugia-se e imagina ser retirada daquele ambiente da mesma forma que nos contos de fadas os heróis salvam as mocinhas. O seu imaginário, alimentado pelas leituras e pela educação que tivera, afasta-a do enfrentamento da realidade e a conduz para um mundo sem problemas, um comportamento que chega a prejudicar, inclusive, seu trabalho em sala de aula.

Desta forma, parece que Veríssimo dá continuidade, neste romance, às críticas abordadas em *Clarissa*, sobre os referenciais conservadores e românticos que conduziram a formação da professora Clarissa.

Entretanto, a angústia provocada pelas contradições vividas por Clarissa diante das dificuldades mostra que a atitude da professora distancia-se do comportamento da normalista. Clarissa começa a debater-se entre dois caminhos. Ora segue seus devaneios ora suas reflexões, um comportamento provocador de mudanças que, aos poucos, interfere na sua maneira de observar a realidade. A conversa com a mãe, as anotações em seu diário mostram esse processo:

> Clarissa está de cabeça baixa. As lágrimas pingam no prato e se misturam com a calda da compota.
> _ Eu sei que papai queria que eu fosse homem...
> [...]
> D.Clemência sorri. Podia abraçar a filha, podia beijá-la. Mas não gosta, não é de seu feitio. O seu amor [...] se transforma todo em solicitude [...]
> [...]
> Quando eu era menina e estava no colégio, tinha vontade de ficar mais velha e conhecer a vida.
> [...]
> Outra coisa que eu não compreendia: dum lado da pensão havia uma casa de gente rica [...] Do outro lado [...] uma casa pequena e úmida [...]
> Eu pensava: o mundo está errado [...] e se os ricos distribuíssem o dinheiro com os pobres? [...] Eu disse isso ao Tio Couto, ele franziu a testa e perguntou se eu estava ficando comunista. Não entendi a pergunta. Hoje entendo [...] O vigário [...] fez hoje um sermão contra os comunistas. O que não compreendo é como depois ele disse que todos eram filhos de Deus e todos mereciam igual felicidade [...]
> Agora tudo mudou. A gente vai crescendo, vai estudando, vai observando e compreende que as coisas não são como pensávamos.
> [...] seu Leocádio [...] Acho que teve uma paixão muito grande na vida. E desconfio até que foi por tia Zezé [...]
> Não posso acreditar que a vida seja tão diferente dos romances. (VERÍSSIMO, 1982, p.34 a 40)

Aos poucos, as reflexões levam Clarissa a perceber que as pessoas têm desejos, frustrações, medo e sofrem contradições. Até mesmo em relação às questões amorosas Clarissa é levada a duvidar dos romances. Todo este fervilhar de conflitos ocorre juntamente com a rotina de sua vida profissional:

> [...] Clarissa vai à escola, vem da escola [...] vê a vida de sua cidade. Vê, sente, analisa, esmiúça e imagina o que essa vida poderia ser. E para ela todas as pessoas [...] ao alcance de sua vista têm dois aspectos. O real e o que ela lhe empresta ao cabo de uma série de reflexões. A cada uma delas Clarissa procura dar uma cor nova [...] mais brilhante e mais bonita do que a que os olhos comuns podem ver.
> [...]

> Clarissa não admite que uma criatura possa ser feia, má e triste gratuitamente de nascimento, sem motivo justificável.
> No colégio, diante dos alunos, ela se perde em pensamentos. Olha para todas aquelas carinhas e fica a imaginar uma história para cada uma [...] (VERÍSSIMO, 1982, p. 43 - 44)

Os pensamentos de Clarissa interagem com o mundo à sua volta, aos poucos, a jovem professora começa a ver além daquilo que lhe é mostrado e seus alunos passam a conviver com uma professora que, sem perder a sensibilidade e o encanto pela vida e pelas pessoas, procura compreender a realidade que a cerca. Portanto, a professora tece para si um futuro que foge àquele previsto pelo personagem Amaro para a normalista de *Clarissa.*

Clarissa conseguiu fazer da sua estada em Porto Alegre, da sua convivência com os pensionistas, um aprendizado que, apesar da educação opressora, permitiu-lhe interagir com pessoas diferentes, com uma diversidade de conflitos, com opiniões e encaminhamentos variados. Aos poucos, estas experiências perpassam suas reflexões e permitem-lhe enxergar o mundo através de perspectivas diferentes. Horizontes não ousados pela família de Clarissa:

> Os Albuquerques pensam nos seus pecados. Uma vida de facilidades, farras, mulheres, bolsa de cordéis frouxos, preguiça, luxúria. "Papai é rico". "Nós Albuquerques ninguém encosta um dedo". "Meu avô foi um grande general"."Temos léguas e léguas de campo, gado em penca".
> [...]
> Que fazer? Ir até a Panificadora e dizer: "Seu Gamba estou desempregado, o senhor me dê um lugar no seu escritório ou então um empreguinho de caixeiro no balcão?"
> Nunca. Um Albuquerque não pode fazer tal coisa. Trabalhar sob as ordens dum imigrante sórdido que já foi seu subalterno? Nunca. (VERÍSSIMO, 1982, p. 52 –55)

A família de Clarissa acredita no poder das tradições, na riqueza sem fim, mas, as transformações vêm, a industrialização intensifica-se, a sociedade guia-se por outros valores, o novo, vencendo as inadequações se estabelece e, diante da pobreza, João de Deus não consegue aceitar a solução que lhe resta. O personagem Vasco, frente àquele procedimento, define a família:

> _ Como vai o jardim zoológico?
> Clarissa:
> _ Que jardim zoológico?
> _ O casarão
> [...] a Ambrósia é a foca amestrada [...]
> _ O velho João de Deus é o leão. Você não vê como às vezes ele começa a caminhar importante dum lado prá outro?Pois é o leão na jaula, sacudindo a juba [...]
> _ A velha Clemência é a leoa ...
> _ Não podia deixar a mamãe fora da brincadeira?
> _ Não. Ela não é melhor que os outros.
> [...]
> _ Falta um bicho... sugere ela.
> _ É tão sem importância que eu nem me lembrava dele...
> _ Por acaso que bicho serei eu?
> _ Uma toupeira! _ diz ele de repente, sem a menor hesitação [...] Clarissa sente um choque[...]
> [...] chega à conclusão de que Vasco lhe chamou claramente "burra"... (VERÍSSIMO, 1982, p. 68 – 69)

Vasco descreve a família como um grupo dentro do qual nenhum de seus membros consegue raciocinar e se impor perante as ordens de um chefe autoritário. Entretanto, se os pensamentos de Clarissa contradizem a completa irracionalidade descrita por Vasco, continuam deixando à mostra o conflito por ela vivido e a ação do seu imaginário no entendimento e na solução dos problemas que vê ao seu redor vem à tona:

> Na frente do clube um chofer dorme no banco de seu automóvel, com o boné puxado sobre os olhos. Um negrinho de pés descalços e muito esfarrapado cochila, sentado na calçada [...]
> [...] ela se imagina [...] Vai até a calçada, pega o negrinho pela mão [...] Chega à casa, dá-lhe um café bem quente com pão e manteiga [...] Depois leva-o para uma cama fofa [...]
> Mas isto só é um sonho. Ela não tem coragem. Haviam de falar se ela fizesse... Seria um escândalo.
> Se isso só é possível em sonho, porque não prolongar o sonho?
> Clarissa leva para sua casa todos os negrinhos da cidade, do mundo, do Brasil [...] (VERÍSSIMO, 1982, p.69 –70)

Até mesmo diante da possibilidade imaginária de transgredir as regras, Clarissa fica amedrontada e ao mesmo tempo em que se mostra preocupada com as contradições que atingem as pessoas, contradições que vêm envoltas em preconceitos e a solução fantasiosa da pobreza. Pobreza para a qual João de Deus busca os culpados:

> De quando em quando passa um automóvel, levantando poeira em meio de guinchos de buzina [...] Malditos automóveis. Quando ele tinha o seu Ford não pensava assim. Hoje pensa. Malditas máquinas! Ele já leu num jornal que foram as máquinas que deitaram o mundo a perder.
> A crise existe por causa delas. Deixam os operários sem trabalho, fazem sozinhas o serviço de cem, de mil, de dois mil...Dum modo obscuro João de Deus compreende a tragédia. Compreende e odeia de todo coração o Ford que passa. (VERÍSSIMO, 1982, p. 72)

As constatações do personagem levam-no a compreender que a decadência vivida pela família foi motivada pela sua inadequação frente às transformações econômicas, destas, soubera apenas usufruir as inovações sem utilizá-las em benefício dos seus negócios.

Retratando a década de 30, *Música ao longe*, mostra as contradições inerentes ao processo econômico nesse período. Se, por um lado, a crise atinge as estâncias, por outro, a indústria e o comércio intensificam-se, novos postos de trabalho são criados e as profissões demandam por diferentes profissionais.

O ano de 1935 corresponde também ao centenário da Guerra Farroupilha, a impressão que temos é de que a exacerbação do nacionalismo que tal data suscitava, principalmente em escolas como a retratada no romance, é alvo da crítica de Veríssimo. A prática escolar imposta pela escola à professora e aos alunos em função de tal data é registrada por Clarissa:

> D. Ermelinda, a diretora do elementar continua implicante [...] "Clarissa precisas fazer umas preleções cívicas aos teus alunos". Ora, preleções cívicas! Os coitadinhos não entendem nada desses assuntos de pátria, de bandeira, de civismo. O que eles querem é brincar. Não deviam meter nas cabecinhas deles essas histórias de guerras. Porque eles vão aprendendo que matar e ser valente é muito bonito e muito bom [...] (VERÍSSIMO, 1982, p. 80)

Através das reflexões de Clarissa, o autor revela suas concepções críticas sobre o universo escolar. Assumindo uma perspectiva humanitária: nem positivista, nem comunista, ela vê criticamente a função da escola. Seus pensamentos a aproximam dos princípios da Escola Nova. As preleções cívicas evocando os grandes feitos e os seus “heróis” , como os autores da produção histórica, significam para Veríssimo, a continuidade da história destituída da historicidade dos fatos.

Embora Clarissa demonstre refletir sobre as imposições da escola, sente-se impotente diante delas e de quem as impõe:

> Ela imagina sua manhã [...] a cara da diretora, [...] a voz seca, os gestos duros. Recomendações. Conselhos. "Vocês, professorinhas de primeira viagem...". "Vocês, professorinhas recém – saídas dos cueiros.... Façam isto, façam aquilo..."
> [...]
> O pavilhão do colégio vai crescendo [...] Clarissa caminha para a porta central, negra, escancarada, larga: a menina do chapelinho vermelho caminha para a boca do lobo.
> [...] agora ela vai ser devorada... [...] A boca do lobo de cimento é fria, fria...
> Mas o lobo de verdade está ali na secretaria. Usa óculos e se chama Ermelinda Rasgado Borges. (VERÍSSIMO, 1982, p. 90)

Clarissa, mesmo não tendo se transformado na matrona imaginada pelo personagem Amaro, em *Clarissa*, continua profundamente influenciada pelos contos de fadas e embora pense sobre os problemas à sua volta, não consegue entendê-los claramente e, diante das decisões, apresenta uma imobilidade semelhante à vivida por Amaro frente aos seus conflitos. Diante da diretora, a qual, devido à obediência aos superiores, às responsabilidades do cargo e às angústias da própria vida, não permite mais a emersão da sensibilidade, Clarissa mostra-se incompreensiva, medrosa e obediente, ou seja, assume uma posição muito semelhante àquela vivida pela professora que a formou em *Clarissa*.

Embora Veríssimo tenha nos privado da presença do homem-professor neste romance, Clarissa, as demais professoras, juntamente com o restante do corpo escolar estão sob a direção de uma diretora. Esta, em virtude dos próprios problemas, das exigências do cargo, passa por uma situação semelhante à vivida

pelo inspetor escolar, é rigorosa e inflexível consigo mesma e com toda a comunidade escolar.

Paschoal Lemme, em suas *Memórias*, revela-nos o que significou, principalmente, para os rapazes, deparar-se com a nomeação de uma diretora na escola:

> [...]Alguns incidentes dessa época quebraram a regularidade das aulas [...] Assim foi a revolta, principalmente dos rapazes, contra a nomeação de Ester Pedreira de Melo para diretora de escola, a primeira mulher a ascender a essa posição [...] também uma das primeiras a ocupar o cargo de inspetora escolar.(LEMME, Memórias. In: XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. História da Educação; a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994 (Coleção Aprender e Ensinar).

Diante desta exposição, podemos imaginar o que representava, em termos de responsabilidade e de cobrança na execução de suas atividades, o fato de a mulher ocupar cargos que, de maneira geral, a sociedade até então destinara aos homens. Além disso, a educação recebe bastante atenção do governo na década de 30 e passa por várias reformas. A impressão que temos é de que diante de tantas mudanças a realizar, pautadas nos discursos do Estado, as pessoas responsáveis pela gestão destas instituições, ficam mais apreensivas em relação ao seu trabalho. Esta maneira de dirigir a escola, talvez muito rígida, em nenhum momento Clarissa presenciara no gerenciamento do pai em relação a seus negócios.

Entretanto, mesmo diante das dificuldades enfrentadas na escola, Clarissa revela ao diário as preocupações com seus alunos e as suas próprias inquietações:

> [...] fiquei com muita pena de Moisés [...] Ele estava batendo os dentes de tanto frio [...] tenho vontade de ficar comunista quando vejo coisas destas. Mas quando leio que na Rússia vivem fuzilando gente, fico arrependida e desisto do meu comunismo [...]
> Melhor é eu continuar a ser simplesmente Clarissa e a ter pena dos meninos pobres como Moisés. Não haverá remédio para a pobreza? [...] As idéias de Gandhi são muito bonitas e se todos os homens fossem do partido dele, não haveria guerras nem perseguições nem brigas. (VERÍSSIMO, 1982, p.98)

Angustiada com a situação de pobreza de seu aluno, Clarissa divaga entre o comunismo e o capitalismo como prováveis soluções, mas acaba aquietando seu espírito ao optar por Gandhi. Através das inquietações da personagem, o autor revela as contradições do sistema capitalista, em meio às quais surgem os conflitos vividos pela sociedade gaúcha e esta, diante deles, procura soluções e justificativas.

Além desses conflitos Clarissa enfrenta a derrocada dos sonhos que as leituras e os romances teceram no seu imaginário:

> [...] Clarissa vai recobrando a calma, emergindo do fundo da sua decepção, das profundezas emaranhadas da sua surpresa [...]
> _ Anfilóquio Bonfim, na vida comercial. Na vida literária, Paulo Madrigal [...]
> Agora a sensação é de desânimo, de perda irreparável, de desalento [...]
> Clarissa [...] examina bem o seu príncipe encantado [...]
> _ O senhor não tem vontade de deixar de ser caixeiro-viajante?
> _ [...] Não. A poesia não dá nem para o cigarro. Os jornais não pagam versos [...] a gente não deve se envergonhar de estar no comércio. Já se foi o tempo dos poetas de cabeleira. O poeta moderno é arquiteto, padeiro, industrial, etc [...] (VERÍSSIMO, 1982, p.109 – 111)

O poeta mostra-se um personagem que atende à dinamicidade da sua época, na qual as pessoas devem ser capazes de adequar-se às mudanças. Diante do descompasso entre a sua atividade de escritor e o valor monetário por ele recebido, através do poeta, o autor parece denunciar a situação de precariedade experimentada, provavelmente, pelos escritores num momento em que as outras profissões, pelo contrário, têm salários melhores.

As mudanças em relação à maneira de Clarissa perceber a família também começam a se fazer sentir. Isso ocorre no momento em que a professora, invadindo o quarto do primo Vasco, encontra um quadro que ilustra sua família:

> Por cima da mesa [...] há um quadro [...] Na parede duma sala [...] vê-se um general de cara feroz, espada enorme, medalhas, dragonas e botões de ouro. Embaixo do quadro, deitados pelo chão, três homens estão em atitudes preguiçosas. Um emborca uma garrafa de cerveja, outro dorme de barriga para o ar e um terceiro está entretido caçando moscas. Numa faixa branca [...] esta palavra: "Tradição".
> Clarissa [...] ao cabo de alguns minutos não tem outro remédio senão achar que Vasco está com razão [...] (VERÍSSIMO, 1982, p.135)

Ao invadir o quarto do primo, além de constatar, no quadro, a representação da família, através da descrição das descobertas de Clarissa, o autor nos dá a conhecer um pouco mais sobre este personagem:

> [...] Sobre a mesinha de cabeceira [...] há uma pilha de livros. Obras sobre fascismo, comunismo e socialismo. Um livro de Freud. Clarissa tem medo até de folhear, medo, apesar da enorme curiosidade...
> [...]
> De repente ela sente uma coisa esquisita. É como se já tivesse passado um século.

> [...] atarantada [...] só sente um desejo:
> [...] correr para o quarto e pensar, pensar muito...
> Ver é bom, mas pensar depois no que se viu é ainda muito melhor. (VERÍSSIMO, 1982, p.135 – 136)

Vasco, através das leituras que realiza, mostra-se um jovem em sintonia com o seu tempo. Um tempo no qual as transformações econômicas aproximam os países e, revelando as inadequações, impõem a todos a necessidade do trabalho. Este personagem, à medida que dialoga com Clarissa, assume um papel importante no processo de crescimento intelectual da professora.

> _Pense bem, Clarissa, isto vai de mal a pior. Os Gambas já comeram as nossas casas [...]
> _ ... não compreendes certas coisas. Mas já se foi o tempo das vacas gordas. Hoje tudo é diferente. Eu leio, eu vejo, eu sei. Nós somos a geração nova...
> [...]
> _ Temos obrigação de fazer alguma coisa, prossegue Vasco. _ Essa história de viver sesteando e sonhando com as glórias do passado não pega mais. É preciso trabalhar [...] (VERÍSSIMO, 1982, p.144-145)

Vasco tem plena consciência das mudanças trazidas pelas transformações econômicas. Da mesma forma que Clarissa, ele também lê, mas suas obras revelam os conflitos dos homens analisados sob o ponto de vista dos próprios homens enquanto autores da história ou de homens que se dispuseram a refleti-los. Veríssimo, através do personagem Vasco, revela que diante das contradições, a imobilidade e as tradições não têm mais espaço, a dinamicidade do mundo conclama a todos. Entretanto, as atitudes e o comportamento da professora revelam que ainda não consegue assumir a postura necessária frente ao seu trabalho na escola:

> Clarissa entra na aula. Leva cinco minutos para conseguir silêncio. Bate na mesa freneticamente com a régua de madeira. Quando as crianças se aquietam ela fala, excitada.
> _ Vamos cantar o Hino Nacional.
> [...]
> Os alunos cantam com entusiasmo. São como uma manada de potros xucros que dispara...
> Ninguém pode contê-la. Agora eles hão de cantar o resto da vida. (O pensamento de Clarissa trabalha, as imagens pulam, as idéias saltam...)
> [...]
> Penhor? Ninguém sabe o que é penhor. Papagaios. [...] Que importa cantar como papagaios? A música é bonita, a manhã é clara... Avante!
> [...]
> Os meninos cantam com entusiasmo, desafiando a própria morte [...] Todos sonham com guerras e heroísmos [...] D. Ermelinda [...] visita a aula, fiscalizando. (VERÍSSIMO, 1982, p. 159 a 161)

Clarissa consegue perceber que seus alunos a obedecem incondicionalmente e mesmo revoltando-se com as imposições da diretora, não consegue dar-se conta de que sua atitude é idêntica à dos seus alunos. Através do seu diário, Clarissa mostra-nos a reflexão de Vasco sobre a sua prática escolar.

> [...] Eu disse que estava preparando uma preleção [...] sobre a Revolução dos Farrapos [...] Vasco desatou a rir [...] disse que achava essas histórias de farroupilhismos e bravatas e gauchismos muito engraçadas e ridículas. Respondi [...] que os meninos precisam conhecer a História da sua terra [...]
> [...] Disse que era muito mal feito ensinar as crianças que guerras e revoluções são coisas boas, que os heróis são só os generais que matam. Disse que enquanto nós professoras ensinamos na escola que foram os brasileiros que ganharam a batalha [...] que o Brasil é mais corajoso, mais belo e mais adiantado que a Argentina ou do que o Chile – não poderá haver paz [...] as crianças vão se criando acostumadas a ouvir elogios à guerra e aos guerreiros e acabam achando que matar é a coisa mais natural e necessária deste mundo. [...] disse que essa idéia de pátria que nós temos é uma bobagem, que todos os homens são irmãos, são iguais e que por falarem línguas diferentes, terem olhos e cabelos de cor diferente não quer dizer que devam andar se estripando em guerras.

> [...] Disse que as guerras que nós pensamos que rebentam por causa do famoso patriotismo, são geralmente provocadas pelos vendedores de armamento e por outros grandes negociadores que podem tirar partido das bagunças internacionais [...]
> Vasco acha que na preleção [...] devo dizer que é melhor trabalhar e amar o próximo, sem distinção de cor nem nacionalidade. (Veríssimo, 1982, P.162-163)

Através do personagem Vasco, o autor revela a compreensão da História, direcionada pela escola, via professoras. À medida que o personagem desvenda a exacerbação do nacionalismo, principalmente diante da Revolução Farroupilha, os interesses do capital e as contradições dele resultantes, fatores que movem as ações humanas e conduzindo os homens às guerras, permite a Clarissa construir outra visão dos fatos que, ampliando-lhe os horizontes, a levará à maturidade política. Entretanto, as mudanças, quando ocorrem, dão-se lentamente:

> Mas de súbito, sobrepondo-se a todos os heróis e a todas as visões de guerra, aparece na mente de Clarissa a imagem de Vasco [...]
> Clarissa cai em si para se descobrir a olhar perdidamente pela janela [...]
> Olha para os alunos. Hoje eles são meninos. Amanhã serão homens, e mulheres [...] Amanhã cada qual terá seu partido político [...] Lutarão com coragem e ferocidade, porque um dia, quando eles eram crianças, uma professora inconsciente lhes ensinou que matar é bonito quando se mata pela Pátria, que morrer pela sua bandeira é a coisa mais sublime, a suprema a glória da vida.
> [...] na sua frente homens se estraçalham...
> [...] ela pensa num mundo de palavras de amor e solidariedade para dizer, em vez da preleção patriótica [...]
> [...] Mas na porta aparece o vulto de D.Ermelinda, fiscalizando.
> Com voz apagada Clarissa diz:
> _ Então não se esqueçam. Vinte de setembro data duma das maiores revoluções brasileiras [...]
> Ouve-se o som de uma sineta [...]
> _ Vamos cantar o Hino Rio-Grandense [...] (VERÍSSSIMO, 1982, p. 179 – 180)

Clarissa vive o embate entre a percepção da prática escolar desvendada por Vasco e o seu rotineiro comportamento de submissão e obediência e, no momento da decisão, opta pelo segundo.

O novo só pode ser incorporado à medida que o velho é substituído e este ainda é muito presente em Clarissa: "Clarissa pega dum livro. O romance de Laura. Relê uma página. Chora, com pena de Pomme D`Anis [...]"(VERÍSSIMO, 1982, p.183-184) A jovem ainda não consegue desvencilhar-se de suas próprias fantasias, de seus devaneios, da vida que seu imaginário dá aos romances que lê, da educação que durante anos a acompanhara. Entretanto, o contato com Vasco, as reflexões que tece sobre o primo, sinalizam mudança:

> Clarissa [...] procura fazer uma experiência. "Faz de conta que o tempo não passou [...]
> [...] Todos os companheiros estão ao seu redor [...] Todos tornavam a ficar crianças. Só Vasco é que continua como está, um homem, um homem que tem idéias próprias, que faz projetos de viagem, um homem que discute, que inventa [...] (VERÍSSIMO, 1982, p.185)

Novamente, através de Vasco, o autor revela o desenvolvimento que as pessoas devem atingir para conquistar a liberdade de optar por ações responsáveis, participar e transformar o mundo à sua volta. Condição imprescindível à vida plena de todas as pessoas. Condição que, no romance, Clarissa está construindo com a interferência do personagem Vasco. Isto leva-nos a pensar que esta professora enquanto não conseguir fazer o mesmo, refletir com seus alunos sobre a responsabilidade que compete a cada um, enquanto membro da sociedade,

continuará a serviço dos discursos que concebem a ação dos homens descolada do contexto histórico.

Muito rapidamente, Veríssimo, antes de encerrar sua obra nos acena com alguma transformação:

> _Sabes que arranjei um emprego? – pergunta, sem olhar para Clarissa.
> [...]
> _Mas ... Vasco. Na Panificadora ? No escritório, naturalmente...
> _Não. Nas máquinas, como um operário...
> [...]
> -Não é que eu ache um emprego ideal [...] Mas a gente precisa dar uma lição nessa velharada...[...Eles pensam que são o sal da terra...
> [...]
> -Quando podem, deprimem os italianos[...]
> -No dia em que eles sentirem mesmo a miséria [...] é que vão compreender. E então vai ser tarde demais. Tudo culpa dessa maldita educação antiga. Tradição de família [...]
> _ Papai era assim... Homem do mundo [...] ninguém ficou sabendo ao certo de onde ele tinha vindo. Viu mamãe, pensou que gostava dela, casou, iludiu-se [...] aborreceu-se e azulou... Era o destino dele.
> Silêncio. Clarissa pergunta medrosa:
> Mas também não achas que é o destino de meu pai ser assim como ele é?
> Vasco olha para a prima espantando. Fica um instante em silêncio, refletindo, e depois diz:
> _ Tens razão.Toda a razão [...]
> [...] A fábrica dos Gambas apita. Gato-do-mato ergue-se [...] olha o relógio e diz:
> _ Uma e vinte. A uma e meia tenho que estar no trabalho [...] (VERÍSSIMO, 1982, p.186–190) (grifo nosso)

Em constante conflito entre seus pensamentos e suas ações, principalmente após conviver mais com o primo Vasco, Clarissa movimenta-se ao longo do romance sem assumir nenhuma atitude combativa, seja em relação aos problemas familiares, seja a respeito da educação conservadora presente na escola.

O desempenho profissional de Clarissa revela uma professora que encontra identificação no real, pois, em sala de aula, nessa época, o comportamento de muitas professoras ainda oscila entre uma prática escolar conservadora e o aceno de mudanças educacionais propostas pelo Manifesto dos Educadores. Essa atitude vem confirmar a força da educação desenvolvida pela sociedade sobre o comportamento das pessoas. No caso das professoras, juntamente com pedagogia exigida para conduzir a tarefa de ensinar, ambas, escola e sociedade empenham-se em moldar, principalmente a professora que, nesse momento encontra-se à frente do ensino escolar nas séries iniciais.

Neste romance, se o homem professor não aparece ocupando a sala de aula ou em qualquer outra situação de ensino-aprendizagem, também não é visto ocupando cargos mais elevados dentro do próprio magistério. Estes já começam a ser preenchidos pelas mulheres-professoras, o que demonstra que, de acordo com o posicionamento que a sociedade confere às profissões, ao longo do movimento das mesmas, aquelas consideradas mais privilegiadas, ou melhor remuneradas, são reservadas aos homens. No romance, acenam nesta direção a presença do intendente, do coletor, do delegado, convidados que freqüentavam as festas promovidas por João de Deus, quando este ainda era um rico estancieiro. À medida que a sua ruína econômica aproxima-se, *Música ao longe* nos traz os empresários da indústria e do comércio.

Entretanto, através do poeta e representante comercial, Anfilóquio Bonfim, observamos que o poeta, para sobreviver, precisa desenvolver as duas profissões

concomitantemente. Diante das contradições econômicas, segundo ele, os poetas modernos, além de poetas, são arquitetos, padeiros, industriais. Padeiro é também a última profissão desempenhada por Vasco, o qual a família desejava ver formado em medicina. Desta forma, neste conjunto de profissões destinadas aos homens, mesclam-se tanto profissões mais valorizadas quanto atividades menos conceituadas. Observamos que a profissão de professor não faz parte das opções de trabalho viáveis aos homens, nesse momento. Esta constatação leva-nos a pensar que os discursos sociais, juntamente com as novas oportunidades de trabalho que surgem, independentemente da valoração que a sociedade lhes confere, continuaram determinando o afastamento do homem da profissão de professor, firmando-a como uma profissão essencialmente feminina, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental.

Dados recentes, elaborados através de uma pesquisa realizada pela Unesco, veiculados através da reportagem de Antônio Góis, **Mulheres comandam salas de aula do país,** jornal Folha de São Paulo**,** no caderno Folha Cotidiano, em 13 de outubro de 2002, revelam que no Brasil, da lª à 6ª série do ensino fundamental, a porcentagem de mulheres dando aulas é de 94%. Na mesma reportagem, segundo a professora Cynthia Pereira de Souza, da Faculdade de Educação da USP e autora de tese que estuda o fenômeno da feminização da educação brasileira, “a entrada da mulher no mercado de trabalho, não é explicada somente pelo fato de os homens terem fugido dos baixos salários da profissão”. A professora aponta a normatização da profissão como um dos fatores que ajudou a

afastar os homens da profissão, ou seja, a regulamentação da profissão efetuada pelo Estado, a criação de regras para seriação, horários e concursos.

De acordo com a trajetória que estamos construindo, os nossos estudos parecem apontar que a possibilidade de ocupar novos campos de trabalho decorrentes das transformações econômicas, deve ser vista como o principal indicador do afastamento do homem da profissão de professor.

Através da viagem que continuaremos agora, nas páginas de *São Bernardo,* voltamos a encontrar a figura do homem-professor. O professor Padilha, e a professora Madalena são os profissionais da educação que compartilham um universo, no qual, os personagens, em sua maioria, apresentam características tão hostis quanto o meio que povoam.

3.2 *SÃO BERNARDO*: O ENGAJAMENTO DE MADALENA

Com Graciliano nosso caminhar se dá entre às adversidades e agruras do meio e dos personagens por ele retratados, mesmo assim ele não nos privou do prazer de encontrar pedaços de emoção, de sensibilidade que, apesar da hostilidade, revelam que a essência do que é humano, se lhe é dada a oportunidade, floresce.

É o que vemos acontecer com o narrador e protagonista do romance, Paulo Honório que, lutando contra todos os obstáculos, apropriou-se, primeiro da fazenda São Bernardo e depois, além de apropriar-se indevidamente de outras propriedades e pessoas, obteve também a posse de Madalena. Entretanto, o suicídio de Madalena arranca-o da posição de herói vitorioso e insensível e leva-o a encontrar a subjetividade guardada dentro de si. Somente após perder a adversária que combatia as ações do capitalista, as más condições da escola, as desigualdades e os maus tratos sofridos pelos trabalhadores, é que Paulo Honório consegue compreender-se.

Logo no início do romance, ao narrar as dificuldades da sua empreitada, revela as condições que o diferenciavam de Madalena:

> [...] Também pode ser que, habituado a tratar matutos, não confie suficientemente na compreensão dos leitores [...].
> [...] suspendo às vezes o trabalho moroso [...] digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar [...].

> [...] Se eu possuísse a metade da instrução de Madalena, encoivarava isto brincando. Reconheço finalmente que aquela papelada tinha préstimo. (RAMOS, 1986, p.10)

Iniciando sua narrativa a partir dos últimos acontecimentos que marcaram sua vida, a morte de Madalena e a decadência da fazenda, o narrador Paulo Honório é o representante das transformações sociais que se dão num espaço rural adverso, na década de 1930. O narrador percebe suas limitações frente ao propósito de escrever um livro e a valorização do conhecimento da professora Madalena ocorre somente a partir desse momento.

À medida que vai se justificando permite-nos conhecê-lo, bem como ao meio no qual vive, um universo marcado pelas desigualdades sociais, e acrescido pela presença de Madalena, conduziu-lhes a trajetória.

> [...] E não vou, está claro, aos cinqüenta anos, munir-me de noções que não obtive na mocidade.
> Não obtive, porque elas não me tentavam [...] O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. Tudo isto é fácil quando está terminado [...].
> Ocupado com esses empreendimentos, não alcancei a ciência do João Nogueira nem as tolices do Gondim [...] (RAMOS, 1986, p.11)

Os interesses de Paulo Honório levaram-no a lutar contra todas as dificuldades e utilizando-se de todos os meios, atinge o objetivo de tornar-se um capitalista.

O progresso alcançado, no meio rural, pelo personagem é correspondente à época do desenvolvimento industrial observado em *Música ao longe*. Se nas

cidades as indústrias começam a diversificar seus produtos, no campo, base da economia brasileira, diversifica-se a produção agrícola, tentam-se novos investimentos a fim de atender às leis concorrenciais do sistema capitalista.

Numa época e num meio fortemente marcados pela troca de interesses, a escola, que se beneficiaria pelas inovações introduzidas por Madalena, nesse momento, somente concretiza-se porque Paulo Honório consegue vislumbrar a possibilidade de alcançar vantagens políticas. A construção do ambiente escolar traria vantagens ao Estado e ao fazendeiro:

> O governador gostou do pomar, das galinhas Orpington, do algodão e da mamona, achou conveniente e perguntou onde ficava a escola. Respondi que não ficava em parte nenhuma [...].
> S. exª. tornou a falar na escola. Tive vontade de dar uns apartes, mas contive-me.
> Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos?
> [...] Metam pessoal letrado na apanha da mamona, Hão de ver a colheita [...] (RAMOS, 1986, p. 43-44)

Se o Estado, nessa época, implanta a escola gratuita e de freqüência obrigatória, diante das dificuldades em prover, seja no meio rural ou na cidade, os espaços escolares, os meios empregados pelo governador vão de encontro aos interesses estaduais. O fazendeiro, por sua vez, procurando salvaguardar os suas objetivos, vê na escola a possibilidade de desviar o único caminho permitido aos seus empregados: o do trabalho. Entretanto, pesando as vantagens e desvantagens:

> [...] De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar.
> _ Pois sim senhor. Quando V.exª. vier aqui outra vez, encontrará essa gente aprendendo cartilha.

[...] A escola seria um capital [...] (RAMOS, 1986, p. 44)

Movido apenas por estes interesses, Paulo Honório toma as providências para realizar, através da concretização do desejo do governador, seus desejos de prosperar.

> _ É isto. Creio que estou com vontade de abrir uma escola.
> _ Magnífico! Exclamou Azevedo Gondim [...] Não há nada como a instrução.
> O advogado [...] pressagiou, distraído, que a escola teria grande utilidade.
> Encolhi os ombros:
> _ Sei lá, não acredito. Tanto que resolvi aproveitar o Padilha. Está claro que se poderia arranjar uma boa escola rural, com ensino razoável de agricultura e pecuária. Mas onde vou encontrar técnicos? E que dinheiro! Por enquanto é apenas um bocado de leitura, escrita e conta. Você estará em condições de encarregar-se disso, Padilha?
> Luis Padilha informou-se do ordenado e declarou que vivia cheio de ocupações.
> [...]
> _ Vamos jantar. Mandei chamá-lo porque julguei que você necessitasse, Padilha. Desde que está ocupado, ponto final [...] (RAMOS, 1982, p.48 – grifo nosso)

Divergindo da opinião do advogado que vê a instrução sob outro olhar, a atividade de professor, para o fazendeiro, podia ficar a cargo de Padilha, antigo proprietário de São Bernardo, um homem que não conquistara a competência de gerir a própria vida e conseqüentemente seus negócios. Luís Padilha, deixando-se endividar por Paulo Honório que, no momento certo, arranca-lhe a fazenda, é a pessoa "aproveitada" para realizar os fins esperados com a implantação da escola. Num primeiro momento, Padilha, cujo pai levara uma vida miserável e morrera do estômago e de fome a fim de ver na família, o filho carregar o título de doutor, de início dispensa o emprego. Entretanto, o movimento das

transformações econômicas, incumbe-se de moldar o comportamento das pessoas:

> _ Estava aqui pensando na escola, murmurou Padilha.
> _ E eu. Tirou-me a palavra da boca, atalhou João Nogueira. Convide a Madalena seu Paulo Honório. Excelente aquisição, mulher instruída.
> [...]
> Padilha, meio desconcertado rosnou, agarrando-se ao osso.
> _ Eu não disse que não aceitava [...] Mas perguntei qual é o ordenado.
> [...]Perguntei qual é o ordenado, tornou Padilha timidamente.
> Coitado, tão miúdo, tão chato, parecia um percevejo.
> _ conforme. Nem sei quanto você vale. Uns cem mil-réis por mês. Ponhamos cento e cinqüenta a título de experiência. Casa, mesa, boas conversas, cento e cinqüenta mil-réis por mês e oito horas de trabalho por dia [...] (RAMOS, 1986, p.50 – grifo nosso)

As atitudes e o comportamento de Paulo Honório revelam que, para ele, da mesma forma que os bens materiais, as pessoas também lhe pertencem podendo, desta forma, dispor delas da forma que melhor lhe convier. Analisando tudo sob o prisma do valor, tanto a escola quanto o professor pertencem-lhe. Ambos têm pouco valor, dentro de um contexto em que o referencial de riqueza, para o fazendeiro, não passa pelo conhecimento escolar, ou melhor, segundo ele, sua propriedade, seus bens, sua própria riqueza pode ser prejudicada sob a luz da instrução.

Por outro lado, Padilha é a pessoa expropriada, que, derrotada, sujeita-se a todo tipo de humilhações: "_ O ordenado é pequeno, não chega para os livros. Mas venho. Venho porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério".(RAMOS, 1986, p.53)

Dessa forma, o autor evidencia que a solidificação do capitalismo no Brasil é prenhe das contradições a ele inerentes. A própria expansão escolar, ao mesmo tempo em que atende a uma reivindicação do povo, está a serviço da economia e da política. Esse movimento determina também o conteúdo e a atuação em sala de aula.

No entanto, Padilha, diante de seu opressor, da pessoa por quem se deixara espoliar, curva-se, mas no momento em que está aparentemente livre do seu opressor, pode tornar-se uma ameaça, como se pode observar nos discursos que ele passa a proferir na propriedade de Paulo Honório:

> _ Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo.
> Marciano, mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se todo e mostrando as gengivas banguelas:
> _ O senhor tem razão seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é, Casimiro?
> Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.
> _ Qual dono! Gritou Padilha. O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros. (RAMOS, 1986, p.59–60)

Embora tais discursos por parte de Padilha venham à tona somente no momento em que é outro o proprietário de São Bernardo, Paulo Honório, sentindo-se ameaçado, desenha para si e para os empregados um quadro assustador: "_Por esta vez passa. Mas se me constar que vocês andam com saltos de pulgas,

chamo o delegado de polícia, que isto aqui não é a Rússia, estão ouvindo? E sumam-se".(RAMOS, 1986, p.61)

A preocupação manifestada pelo personagem vai de encontro às preocupações do momento político e os conflitos vividos pelo próprio autor.

Enquanto Veríssimo dedica-se aos romances urbanos, Graciliano Ramos focaliza a realidade regional do país. Neste aspecto, a preocupação mais marcante da prosa é o homem do nordeste, sua vida precária, as condições adversas impostas pela paisagem hostil, a submissão dos trabalhadores aos proprietários de terras, advinda da grande falta de instrução. No caso do romance, Paulo Honório, durante uma conversa, numa viagem de trem, na qual encontra D. Glória, tia de Madalena, revela seus pensamentos em relação à instrução escolar e à profissão de professora.

> _ Faz pena. Isso de ensinar o bê-á-bá é tolice. Perdoe a indiscrição, quanto ganha a sua sobrinha ensinando bê-á-bá?
> _ [...] É uma desgraça, minha senhora. Como diabo se sustenta um cristão com cento e oitenta mil-réis por mês? Faz até raiva ver uma pessoa de certa ordem sujeitar-se a semelhante miséria. Tenho empregados que nunca estudaram e são mais bem pagos. Porque não aconselha sua sobrinha a deixar essa profissão, D. Glória?
> D. Glória referiu-se à dificuldade de arranjar empregos e o montepio. (RAMOS, 1986, p.76)

Lutando com os argumentos que possui, diante de uma profissão, considerada por ele insignificante, Paulo Honório conduz as conversas e as pessoas de acordo com os interesses dos seus negócios:

> _ Que montepio! Isso vale nada! E empregos... Vou indicar um meio de sua sobrinha e a senhora ganharem dinheiro a rodo. Criem galinhas.
> [...] Escola! Bestidade. Abri uma na fazenda e entreguei-a ao Padilha [...] Um idiota. Mas ele diz que há progresso. E eu acredito. Pelo menos o Gondim e padre Silvestre estiveram lá examinando a molecoreba e acharam tudo em ordem.
> D. Glória enrugou e desenrugou a cara:
> _ Cada qual tem seu meio de vida.
> _ História! Dê um salto a S.Bernardo para eu lhe mostrar o que é uma lavoura de fazer água na boca. (RAMOS, 1986, p. 76- 77)

Ambos referindo-se à mesma realidade, Paulo Honório agarra-se às conquistas obtidas por meios escusos e por seu autoconhecimento em estatística, pecuária, agricultura e escrituração mercantil que, acrescidos pela sua visão de capitalista, levam-no a realizar investimentos e a obter lucros incompreensíveis à velha senhora. Esta, também habituada a lutar, mas um embate por uma sobrevivência que, naquela época, adequa-se ao processo econômico daquele meio, parte em defesa da profissão da sobrinha.

Diante destas visões divergentes, a profissão de professor atinge posições extremas, o fazendeiro, ao mesmo tempo em que desvaloriza o trabalho do professor e os métodos por ele empregados para ensinar, despreza o que para D. Glória significa "um meio de vida". Entretanto, embora convicto de suas idéias, no momento em que conhece Madalena, o fato dela ser professora demanda-lhe certos cuidados:

> [...] Até então meus sentimentos tinham sido simples, rudimentares, não havia razão para ocultá-los a criaturas como a Germana e a

> Rosa. A essas azuna-se a cantada sem rodeios, e elas não se admiravam, mas uma senhora que vem da escola normal é diferente. (RAMOS, 1986, p.81)

Temendo algum deslize que pudesse atrapalhar seus planos, casar-se e conseguir um herdeiro para são Bernardo, pois Madalena é diferente das mulheres com as quais ele havia se relacionado, busca ajuda em Gondim, seu amigo jornalista.

> Azevedo Gondim encetou a quarta garrafa de cerveja e desmanchou-se em elogios.
> _ Mulher superior, só os artigos que publica no Cruzeiro!
> Desanimei:
> _ Ah! Faz artigos!
> _ Sim, muito instruída. Que negócio tem o senhor com ela?
> _ Eu sei lá! Tinha um projeto, mas a colaboração no Cruzeiro me esfriou. Julguei que fosse uma criatura sensata.
> [...]
> _ Está bem [...] Estou aborrecido com o Padilha.
> [...] Anda querendo botar socialismo na fazenda [...] talvez fosse melhor arranjar para ele outra colocação, fora.
> _ E convidar a Madalena.
> [...] O diabo é que talvez não aceite morar nas brenhas!
> _ Isso são bobagens da tia, uma velha tonta. Mas a outra se tem juízo como você diz, aceita.
> [...]
> _ É pode ser. Vantagem para ela, com certeza, aumento de ordenado.
> [...] não sei a maneira de tratar com essa gente. Muitas voltas... Peite a moça, Gondim, faça-me o favor. (RAMOS, 1986, p.85- 86)

Determinado em seu projeto e preocupando-se em alcançá-lo a qualquer custo, Paulo Honório não reflete diante do perfil de Madalena. O universo de *São Bernardo* mostra-nos que se a profissão de professora não é muito rentável, o mercado de trabalho já permite a Madalena aumentar seus ganhos realizando

outras atividades além de dar aulas. A professora é uma mulher em consonância com a dinamicidade e as exigências de seu tempo. Na realidade, ao longo do século XX, a dupla jornada de trabalho passou a ser uma característica da mulher-professora.

Quanto ao papel da imprensa, o redator e diretor do jornal, Gondim, mostra-nos que, enquanto ele se deixa manipular, Madalena, por sua vez, tem, reconhecida, sua integridade. Em relação à sua vida profissional, a reflexão da professora revela um autor consciente das questões educacionais: "_ Que diabo! Mas o aumento do ordenado, filha de Deus? _ Não convém. Estou em seis anos de magistério, não deixo o certo pelo duvidoso. Essas escolas particulares hoje se abrem, amanhã se fecham..." (RAMOS, 1986, p.88)

Ao abordar a questão da escola pública e particular, Graciliano mostra uma discussão presente entre os Pioneiros da Educação Nova. O realismo do romance, em relação à profissão de professora, identifica-se com a realidade, ter um emprego numa escola pública, nessa época significa segurança. As escolas particulares, por sua vez, não oferecem estabilidade, pois subordinam-se diretamente ao capital. Diante da recusa de Madalena e preocupado com seus objetivos, Paulo Honório revela-se:

> _[...] essa história da escola foi tapeação.
> _[...] Resolvi escolher uma companheira.
> [...]
> _ Deve haver muitas diferenças entre nós.
> _[...] A senhora aprendeu várias embrulhadas na escola, eu aprendi outras quebrando a cabeça por este mundo.
> [...]

> _ O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena [...] A verdade é que sou pobre come Job, entende?
> _ [...] E a instrução, a sua pessoa isso não vale nada? [...] Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu. (RAMOS, 1986, p.89-90)

Conduzindo a relação como sendo uma negociação à qual ele está acostumado, diante do impasse, para atingir seus propósitos, vê a instrução de Madalena com bons olhos. Acostumado ao domínio, não pressente nenhum perigo nas características evidentes na professora: é instruída, reflete, participa ativamente da sociedade, tem idéias próprias e está habituada a enfrentar as dificuldades. Entretanto, diante de domínios culturais diferentes, as divergências transparecem:

> _ Lorota! O hospital, sim senhor. Mas biblioteca num lugar como este! Para quê? Para o Nogueira ler um romance de mês em mês. Uma literatura desgraçada.
> Azevedo Gondim, [...]
> _ A instrução é indispensável, a instrução é uma chave, a senhora não concorda, D. Madalena?
> _ Quem se habitua aos livros...
> _ É não habituar-se, interrompi. E não confundam instrução com leitura de papel impresso.
> [...]
> _ E como é que se consegue instrução se não for nos livros?
> _ Por aí, vendo, ouvindo, correndo mundo.
> [...] Leio apenas observações de homens práticos. E não dou valor demasiado a elas [...]
> Os meus autores não vieram olhar de perto os homens e as terras de S. Bernardo.
> [...]
> _ O pior é que o que é desnecessário ao senhor talvez seja necessário a muitos, disse Madalena. (RAMOS, 1986, p. 91–92)

Enquanto Paulo Honório, através de um conhecimento baseado na praticidade, obtém lucros em suas propriedades, Madalena concebe a biblioteca, os livros, como fontes de saber indispensáveis talvez, a todas as pessoas.

Além destas divergências, logo após o casamento, Madalena mostra-se uma mulher ativa, decidida, habituada a inteirar-se das coisas à sua volta:

> Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano.
> Enjoou o Padilha [...] Mas gostou do seu Ribeiro: meteu-se no escritório, folheou os livros, examinou documentos, desarmou a máquina de escrever, que estava emperrada [...] Largou-se para o campo. À hora do jantar encontrei-a no descaroçador [...]
> _ Trabalhe com Maria das Dores. A gente da lavoura só comigo.
> _ A ocupação de Maria das Dores não me agrada e eu não vim aqui para dormir.
> [...]
> _ Outra coisa, continuou Madalena. A família de Caetano está sofrendo privações.
> _ [...] Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamento, remédios. Vai-se o lucro todo. (RAMOS, 1986, p. 95 -96)

Paulo Honório depara-se com uma mulher cujas atitudes e comportamento são contrários às suas pretensões, nós nos deparamos com uma mulher-professora muito diferente tanto do mestre-escola quanto da professora Clarissa. Madalena não só está atenta a todos os problemas como também decide e executa as ações necessárias para resolvê-los.

Se, por um lado, Paulo Honório está habituado a dominar, apoderar-se de tudo e de todos conforme as suas necessidades de realização enquanto capitalista, por outro, Madalena compreendendo as contradições do processo econômico, tenta

amenizar as desigualdades. Mostrando-se uma mulher dinâmica e esclarecida, procura informar-se das atividades da fazenda e durante uma conversa com o personagem Ribeiro, responsável pela escrituração, sua atitude enfurece Paulo Honório:

> _ Entende muito. E embora eu não concorde integralmente com o método que preconiza, reconheço que poderá, querendo, encarregar-se da escrita.
> [...]
> _ Qual é o ordenado?
> [...]
> _ É pouco.
> _ Como? Bradei estremecendo.
> _ Muito pouco.
> [...]
> _ [...] Não me falta nada, o que recebo chega.
> _ Se o senhor tivesse dez filhos, não chegava, disse Madalena. (RAMOS, 1986, p. 99- 100)

Enfurecido diante da ameaça de ver minado seu domínio entre as pessoas de seu mando, o fazendeiro repreende a professora e aconselha-a: "_Antes de falar, a gente pensa". (RAMOS, 1986, p.105). Entretanto, atendendo às insistências da professora, Paulo Honório permite-lhe trabalhar, de manhã, no escritório da fazenda.

À tarde, Madalena dedica-se a conhecer a casa dos moradores e ao conhecer a escola e o trabalho do professor Padilha, revela-se como professora. Uma professora que, mesmo sendo representada na mesma época de Clarissa, parece que diante das dificuldades enfrentadas para formar-se na escola normal, vivendo com a tia e trabalhando num meio onde interesses políticos alternam-se aos

interesses dos grandes proprietários na execução de alguma obra social, Madalena age e intervém no método de trabalho do professor Padilha.

> Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios [...] Um dia, distraidamente ordenei a encomenda. Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Seis contos de folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores. Calculem. Uma dinheirama tão grande gasta por um homem que aprendeu leitura na cadeia, em carta de ABC, em almanaques, numa bíblia de capa preta, dos bodes. Mas contive-me porque tinha feito tenção de evitar dissidências com minha mulher e porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo caso era despesa supérflua. (RAMOS, 1986, p. 107)

Na crítica de Madalena ao método de Padilha, na sua tentativa de modernizar as técnicas de ensino, o autor evidencia os princípios da Escola Nova, cujo objetivo é o combate à situação de ignorância a que está relegada grande parte da população. No romance, o fato de Paulo Honório não ter freqüentado a escola e ter aprendido a ler sem aqueles recursos justifica a sua concepção de que o material adquirido não tem nenhuma utilidade.

Reportando-nos à época do autor, observamos que a Escola Nova lutava contra a utilização do ensino para fins meramente políticos, os seus objetivos visavam o desenvolvimento do processo democrático no Brasil.

A reação do narrador, diante da modernização do material pedagógico, permite entrever a posição crítica do autor sobre a forma como o ensino era conduzido no Brasil:

> Mas a cólera tinha desaparecido. O que agora me importunavam eram as caixas com o material pedagógico inútil nesses cafundós. Para que aquilo?
> O governador se contentaria se a escola produzisse alguns indivíduos capazes de tirar o título de eleitor. (RAMOS, 1986, p. 109)

À medida que contrapõe dominador e dominado, o autor representa a luta entre essas duas posições políticas. Paulo Honório nota as mudanças, sente-se ameaçado e, temendo perder o domínio, nas discussões com Madalena, diminuindo-a, procura enaltecer sua posição, contrapondo a importância da atividade produtiva à educacional: "Vaidade. Professorinhas de primeiras letras a escola normal fabricava às dúzias. Uma propriedade como São Bernardo era diferente".(RAMOS, 1986, p.115). Madalena, ao esforço da empreitada de Paulo Honório contrapõe as dificuldades que lhe custaram a ela e à tia, sua formação, bem como a sua compreensão de movimento social:

> _ Morávamos em casa de jogador de espada [...]
> [...] Trabalhei ali muitos anos [...] Se eu adoecia, D. Glória passava a noite sentada [...] Eu saía para a escola e ela punha o xale, ia cavar a vida. Tinha muitas profissões. Conhecia padres – e fazia flores, punha em ordem alfabética os assentamentos de batizados [...] Conhecia desembargadores – e copiava os acórdãos do tribunal. À noite vendia bilhetes no Floriano. E como o padeiro nosso vizinho era analfabeto, escriturava as contas dele [...] Está claro que, dedicando-se a tantas ocupações miúdas, era mal paga.
> [...] Aqui[...] D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas [...]
> _ Porque não se empregou em ofício mais rendoso?
> _ Difícil. Demais é necessário haver quem venda os bilhetes e copie os acórdãos. (RAMOS, 1986, p.115 a 117)

Ao referir-se à época da juventude da tia, por intermédio do relato de Madalena, reportamo-nos às dificuldades sofridas pela maioria das mulheres, no final do século XIX e início do século XX, em conseguir um trabalho fora de casa. No tempo retratado pelo romance, D. Glória enfrenta a inadequação frente à modernidade que, caracterizada pelo uso da maquinaria, exige que os homens também se comportem feito máquinas.

O que é incompreensível à tia e a Paulo Honório, naquele momento, está claro para Madalena que entende o movimento social, a luta de classes advindas do processo econômico capitalista e as contradições a ele inerentes.

Por outro lado, as atitudes de Madalena, mostrando-se bondosa com os empregados, defendendo a igualdade de direitos, evidenciam que, apesar de seus esforços, Paulo Honório está perdendo o controle da situação:

> Eu narrava o sertão. Madalena contava fatos da escola normal [...]
> As moças aprendem muito na escola normal.
> Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais [...]
> Madalena propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estrangeiros.
> E eu me retraía, murchava. (RAMOS, 1986, p.133–134)

Dois universos diferentes, duas forças opostas cada qual tentando se acomodar e acomodar a outra e nesse embate Paulo Honório começa a sentir-se em desvantagem.

Madalena representa as mulheres, para as quais a escola normal, devido à expansão do ensino e diante das dificuldades de acesso ao ensino superior,

assume grande importância. “Em 1907, [...] concluíam o curso secundário do bacharelado em letras as primeiras duas jovens que a ele se aventuravam [...]" (AZEVEDO, 1976, p. 138). Portanto, diante das barreiras que ainda impediam à mulher a continuidade dos estudos, a escola normal significou a inserção do sexo feminino em um mercado de trabalho diferente daquele proporcionado pelas fábricas. Observamos que o processo de formação da professora em *Clarissa* e a atuação da mesma em *Música ao longe* correspondem à época de Madalena. Entretanto, em *São Bernardo,* a professora ouve discursos semelhantes àqueles ouvidos por Clarissa, mas, compreendendo o processo econômico e político, não se submete e age de acordo com as exigências da sua profissão, é solidária, sem, no entanto, resvalar na imagem da mãe bondosa e sensível. O professor, por sua vez, não é representado em nenhum momento assumindo suas convicções, pelo contrário, domina e derrota a si próprio ao aceitar seu papel de perdedor frente à vida.

Paulo Honório, porém, luta para continuar dominando pessoas e propriedades. Propriedades que, sem dar-se conta, construíra auxiliado pelo trabalho de diversos profissionais: advogados, juízes, jornalistas, banqueiros, contadores, administradores do Estado, professor e os empregados da fazenda.

Mesmo cercado por tantas diferenças, que apontam a necessidade de um comportamento diverso, somente quando Paulo Honório perde Madalena e, depois dela, os profissionais que o acompanhavam e seus próprios bens, é que o fazendeiro permite que sua subjetividade venha à tona:

> Sou um homem arrasado. Doença? Não [...]
> Cinqüenta anos gastos a maltratar-me e a maltratar os outros [...] e nem sequer me resta a ilusão de ter realizado obra proveitosa [...] cessando esta crise, a propriedade se poderia reconstruir [...]
> Mas para quê? [...] As criancinhas nos casebres úmidos e frios, inchariam roídas pela verminose. E Madalena não estaria aqui para mandar-lhes remédio e leite. Os homens e as mulheres seriam animais tristes.
> Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos [...] (RAMOS, 1986, p. 181–182)

Embora Madalena não esteja mais presente, seu contato com Paulo Honório, seu conhecimento e suas ações agiram sobre ele permitindo-lhe libertar a sensibilidade, o humano que a sua incompreensão sufocara enquanto construía, segundo a sua visão, o fazendeiro capitalista.

Podemos dizer, ainda, que a ação de Madalena representou não só a mulher cuja morte despertou o homem Paulo Honório, mas também, em relação à sua profissão, revelou as dificuldades de se implantarem os princípios da Escola Nova. Embora o romance finalize sem observarmos, na escola, o resultado das atitudes da professora Madalena, as constatações vividas pelo narrador, diante de si mesmo, revelam a força do seu conhecimento e o poder de suas ações, deixando-nos um sinal da dimensão que poderiam atingir. Em relação à imagem do homem-professor, esta vem enfraquecida, destituída de valor humano e profissional. O seu método reflete na adjetivação que Paulo Honório tece sobre os alunos “molecoreba”. Enquanto esta é a situação vivida pelo professor, o romance mostra-nos que os homens já estão ocupando várias profissões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminheiros por estas obras literárias, passando por dois momentos diversos da sociedade brasileira, acompanharam-nos a imagem de personagens que se debateram no afã de responder às necessidades de suas épocas.

O tempo do rei permitiu que os portos se tornassem portas de entrada das idéias e das novidades européias. Novos costumes suscitaram maneiras diferentes de se comportar, a presença da corte intensificou os eventos sociais e o povo compartilhou a rua, espaço que difundiu e propagou novos padrões. As mudanças fortaleceram as relações comerciais e tomou forma o setor social posicionado entre a burguesia e as pessoas pobres.

Num século, cujo direcionamento econômico guiou-se pela indefinição da ordem econômica, a necessidade de escolas não era uma prioridade, pois os homens necessários à administração pertenciam à burguesia e ela encarregou-se de educá-los nas escolas européias. O mestre-escola e a instrução “caseira” por ele realizada denunciaram que a incipiente sociedade daquela época satisfazia-se com uma educação popular precária, destinada apenas a alguns meninos, portanto, não criara, ainda, a necessidade por uma educação escolar obrigatória.

Se o povo, nesse momento, solucionava, através de outras alternativas, seus objetivos, o Estado, por sua vez, também não tinha condições de oferecer escola a todos.

No entanto, as diferenças provocadas pelas transformações econômicas, despertaram no povo o desejo de ascender à classe superior e de usufruir o mesmo bem–estar. As contradições eram guiadas por um discurso que, pautando o referencial de riqueza na igualdade de oportunidades, transmitia a idéia de coerência entre as relações dos homens e a produção de sua vida. O povo começou a pensar na escola como um meio para alcançar seus objetivos.

Entretanto, o reposicionamento político e econômico do país movimentava-se num contexto mundial que também vivia necessidades e interesses contraditórios. O Brasil procurava responder não só às necessidades e contradições internas, mas também às externas.

O trabalho escravo que possibilitara a transformação, tanto da ordem econômica quanto da ordem política, foi substituído por mãos estrangeiras. Mãos que passaram a produzir riqueza na agricultura, comerciar nas ruas, difundiram novos hábitos, novos comportamentos, mesclaram culturas.

A escola, nesse momento é uma exigência do Estado e da sociedade. Educar o cidadão para o trabalho, para participar dos processos políticos e manter a

unidade nacional, passou a ser papel da educação escolar. Estes objetivos iam ao encontro dos anseios do povo e do Estado.

O país, ocupando sua posição dentro do contexto econômico mundial, sofre as conseqüências das contradições inerentes à ordem capitalista. A crise, impulsionando novas transformações econômicas promoveu o crescimento. Novas instituições tornaram-se necessárias, outras foram difundidas. Fazendo parte desse processo, a expansão escolar provocou a normatização da atividade docente e coube às escolas normais formar os professores requisitados nesse momento.

Movidos por esse processo econômico e social que impele as pessoas a assumirem, não o espaço que desejam, mas aquele que lhe é estabelecido, homens e mulheres lutaram para ser ou deixar de ser o que a sociedade esperava que eles fossem nesse determinado momento.

Sendo assim, as mulheres, que já haviam sido conclamadas para o trabalho nas fábricas, viram na escola outra possibilidade de trabalho. Impulsionadas pelas convicções positivistas que percebiam na mulher as qualidades necessárias para educar o cidadão requisitado pela sociedade, rapidamente, tornaram-se maioria entre os alunos das escolas normais.

Os homens, por sua vez, diante das mudanças provocadas com a intensificação da indústria, depararam-se com novos campos de trabalho e novos cursos

superiores. Seguindo uma tendência já comum no país, à medida que surgem, essas novas oportunidades passam pelo crivo da sociedade e esta, atribuindo-lhes um juízo de valor, incumbe-se de posicioná-las. Dessa forma, algumas são consideradas “melhores”, enquanto outras são depreciadas. Influenciados por estes discursos, coube aos homens, inicialmente, ocupar tanto os postos de trabalho que surgiam quanto os novos cursos superiores criados.

Em relação à profissão de professor, a crescente sistematização do ensino e a normatização da profissão, gerou novas oportunidades de trabalho dentro do próprio campo do magistério e, paralelamente ao processo de feminização, muitos homens-professores, afastando-se da sala de aula, assumiam esses novos cargos. Cargos que, pautados por discursos que se guiavam pelo preconceito em relação a uma profissão que estava se tornando feminina e pelos baixos salários, passaram a ser mais ‘valorizados’, enquanto, por sua vez, a profissão de professor foi desprestigiada.

Diante da ininterrupção do afastamento do homem da profissão de professor, apreendemos o processo histórico e social que, moldando profissões e profissionais, de acordo com as necessidades, determinou, no campo do magistério tanto o conteúdo quanto o profissional que atuaria em sala de aula, constituindo-os, assim, seres e características de uma determinada época.

Desta forma, o sentido de nossa trajetória somente terá significado se através dela pudermos observar nossa própria caminhada na escola vendo-nos, enquanto

professoras e professores e, à educação escolar que realizamos como produtos das relações sociais que firmamos ao produzirmos nossa existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMBERT, Francisco. *A semana de 22*: a aventura modernista no Brasil. História em Aberto. 3ª.ed. São Paulo: Scipione, 1998.

ALMEIDA, J.R.P., *História da instrução pública no Brasil (1500-1889).* Brasília/São Paulo, INEP/PUC-SP, 1989.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Moderna, 1984.

ANDRADE, Antônio Alberto de. *A Reforma Pombalina dos estudos secundários no Brasil*. São Paulo: Saraiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 4.ed. São Paulo: Brasília, DF: INL, 1972.

ARAGÃO, Pedro Moniz de. *O conselho de Estado Português e a transmigração da família real em 1807.* Rio de Janeiro, 1968. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional.

ASSIS, Machadode. *Obra completa.* V.4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

AUED, Bernardete Wrublevski. *Historias de profissões em Santa Catarina*: ondas largas “civilizadoras”. Florianópolis, Do Autor, 1999.

AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da cultura*: parte 3 da 5ª.ed. da obra A Cultura Brasileira. São Paulo: Melhoramento, Brasília, DF: UNL, 1976.

BARROS, Álvaro Paes de. *O Liceu de artes e ofícios e seu fundador.* Rio de Janeiro. Brasil. 1955.

BASTOS, Aureliano Candido Tavares. *A província: estudo sobre a descentralização no Brasil.* 3ª.ed. São Paulo: Nacional; Brasiliana, INL, 1975.

BOSI, Alfredo. *História concisa de literatura brasileira.* 37ª.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRITO, Rodrigues de. *A economia brasileira no alvorecer do século XIX.* Livraria Progresso Ed. Coleção de Estudos Brasileiros. Série 1 . Autores Nacionais. Vol. 2.

BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*.V.II. Burgo de Estudantes (1829 - 1872)

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, Jose Aderaldo. *Presença da literatura brasileira I*: das origens ao Romantismo. 3ª.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

_____ . Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias*). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: USP, n.8, p.177-173, 1970.

CARDOSO, Fernando Henrique. [et al]. *O Brasil republicano*. Tomo III: estrutura de poder e economia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COUTINHO, J. J. da Cunha de Azevedo. *Obras Econômicas de J. J. de Azevedo Coutinho.* São Paulo: Nacional, 1966.

DE MASI, Domenico. *O futuro do trabalho*: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Trad. Yadyr A. Figueiredo. 4ª.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: UnB, 2000.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6ª.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1978. (Didática, 1).

FRYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso.* 2 . Tomo. 2ª.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

GOIS, Antônio. *Folha de São Paulo.*Folha Cotidiano. 2002. São Paulo. 10/2002.

HOBSBAWN, E. J. *A era do capital:* 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEMME, Paschoal. Memórias. In: XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. *História da Educação*: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994 – (Coleção Aprender e Ensinar).

MARX, Karl.*O capital:crítica da economia política.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MENDES, Claudinei Magno Magri. *Construindo um mundo novo*. Os escritos coloniais do Brasil nos séculos XVI e XVII. Tese de Doutorado. USP. São Paulo.

MENDONÇA, Bernardo de (Org.). *Obra dispersa***.** Rio de Janeiro: Graphia, 1991.

NISKIER,Arnaldo.*Educação Brasileira: 500 anos de história 1500 -2000.* Rio de Janeiro: Consultor, 1995.

PEREIRA, Lupércio Antônio. *Limites históricos do pensamento abolicionista*: uma contribuição ao estudo do gradualismo adotado na abolição da escravidão no Brasil. 1986. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Assis.

PINHEIRO,Antonio Carlos Ferreira. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba.* Campinas (SP): Universidade São Francisco, 2002.

PINHEIRO, Paulo Sérgio [et al]. *O Brasil republicano,* tomo III: sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo.* Rio de Janeiro: Record, 1986.

RELATÓRIO de Gonçalves Dias. In ALMEIDA,J.R.P. *Historiada instrução pública no Brasil (1500 – 1889).* História e Legislação. São Paulo:EDUC/Brasília: INEP/MEC.

SFORNI, Marta Sueli de Faria. *A feminização do corpo docente na democratização do ensino no século XIX*. 1996. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SHELBAUER, Analete Regina*. Idéias que não se realizam:* o debate sobre a educação do povo no Brasil de 1870-1914. Maringá: EDUEM, 1998.

STAFUZZA, Maria Ângela. *A pena de Martins* (Histórias e Educação nas comédias de Martins Pena).Dissertação de Mestrado – UEM, 2000.

VERÍSSIMO, Érico. *Clarissa*. São Paulo: Editora Victor Civita, Abril Cultural, 1974.

_____. *Música ao longe.* Porto Alegre: Globo, 1982